



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA
Instituto Universitário de Ciências Religiosas

MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

Eva Cristina da Silva Vieira

**«Viver Juntos», à luz da aliança de Deus com a
humanidade.**

**Uma perspetiva de planificação da Unidade Letiva 1 do
5º ano de EMRC.**

**Relatório Final de Prática de Ensino Supervisionada
Sob a orientação de:**

**Professor Doutor Alexandre Coutinho Lopes de Brito Palma
Professora Doutora Cristina Sá Carvalho**

**Lisboa
2015**

ÍNDICE

Índice	p.2
Introdução	p.4
I Capítulo – A experiência pedagógica	p.7
1-Caraterização da escola e da turma.....	p.7
1.1- Contextualização.....	p.7
1.2- Caraterização da escola.....	p.8
1.3- Caraterização da turma.....	p.15
2-O enquadramento de EMRC.....	p.20
3-Lecionação da Unidade letiva “Viver juntos” do 5º ano.....	p.29
II Capítulo – Deus núcleo de relação	p.34
1 – A criação, um Deus em relação.....	p.35
2 – Deus Trindade.....	p.39
3 – As dimensões da pessoa.....	p.44
3.1- A dimensão corpórea.....	p.46
3.2- A dimensão espiritual.....	p.49
4 – A pessoa como ser social.....	p.53
4.1- A relação e o ser humano.....	p.53
4.2- A relação com os outros.....	p.56
4.3- O cristianismo e a relação.....	p.58
4.4- A escola e a relação interpessoal.....	p.61

III Capítulo- Um novo olhar sobre a Unidade Letiva «Viver juntos»	p.66
1– Os modelos de ensino.....	p.66
2– Justificação da nova planificação.....	p.68
3- Nova proposta de planificação da U11- «Viver juntos»	p.69
3.1- Planificação.....	p.69
Conclusão	p.81
Bibliografia	p.84
Anexos	p.87
Anexo 1 – Aula 2- Planificação.....	p.91
Anexo 2 – Aula 3- Planificação.....	p.93
Anexo2.1 – PowerPoint: Abraão a caminho.....	p.95
Anexo 3 – Aula 4- Planificação.....	p.96
Anexo 3.1 – Cartões- O meu grupo.....	p.98
Anexo 4 – Aula 5- Planificação.....	p.99
Anexo 4.1 – MovieMaker «O Sapo e o estranho»	p.101
Anexo 4.2 – Tabela de registo.....	p.102
Anexo 5 – Aula 6- Planificação.....	p.103
Anexo 5.1 – PowerPoint: A Aliança de Deus com o povo.....	p.105
Anexo 6 – Aula 7- Planificação.....	p.106
Anexo 7 – Aula 8- Planificação.....	p.108
Anexo 7.1 – PowerPoint: A convivência.....	p.110
Anexo 8 – Aula 9- Planificação.....	p.112
Anexo 8.1 – Ficha de avaliação.....	p.114

INTRODUÇÃO

A comunidade aprendente é por si um recetáculo de conhecimentos e experiências que vão muito além da dimensão cognitiva. A aprendizagem dá-se sempre no contexto da relação com o outro.

O trabalho realizado versa sobre a forma como, em contexto escolar, tendo por base uma experiência pedagógica realizada numa escola concreta, com um determinado grupo de alunos, a questão relacional vista numa perspectiva cristã é de suma importância. Deste modo, é feita uma abordagem à realidade escolar e à unidade letiva trabalhada em sala de aula, como forma de contextualização e de ponto de referência para a reflexão seguinte.

O primeiro capítulo consiste em dar a conhecer a base do trabalho, onde é feita uma caracterização do contexto em que a escola se insere, do próprio estabelecimento de ensino e da turma em que se realizou a minha prática pedagógica. Esta parte assume um grande relevo, na medida em que é importante perceber o meio envolvente e os nossos interlocutores para que o trabalho a desenvolver (neste caso a prática letiva) seja bem planificada de modo a que os objetivos a que nos propomos possam ser atingidos.

Também é apresentada uma reflexão sobre a disciplina e a forma como está presente no nosso sistema educativo, pois tendo em conta as suas especificidades, revela-se de suma importância no que concerne ao desenvolvimento da pessoa humana nas suas várias dimensões. Aqui, a dimensão religiosa surge como uma componente indispensável à construção de cada aluno como ser responsável pela construção de uma sociedade futura.

A apresentação da Unidade Letiva lecionada como suporte da temática, objeto da minha reflexão teológica faz a ponte para o segundo capítulo.

A questão abordada tem em conta o homem que, sendo criado por Deus se mantém em constante dinâmica relacional com Ele, através da sua dimensão corporal e espiritual, o que o torna um ser intrinsecamente social, sempre em interação com o outro. Deste modo, Deus surge como o amago da relação, uma vez que através da aliança com o povo é o reflexo da relação da humanidade.

Neste capítulo é ainda feita uma alusão ao cristianismo como inspiração das relações interpessoais uma vez que, todo ele é verdadeira relação. Basta pensarmos no mandamento de Jesus:

«O meu mandamento é este: amai-vos uns aos outros como Eu vos amei.»¹

Jesus apresenta o modelo de relação interpessoal, o amor. Quem ama pretende sempre o melhor para o outro e conseqüentemente para si próprio. O amor é verdadeiramente o cerne do Cristianismo, onde a relação parte de um Deus trino que é relação em Si mesmo.

Na vida do ser humano o amor está na base das relações que se estabelecem com os que estão próximos. Este implica que quem ama «cuida», «responsabiliza-se», «respeita» e «conhece».² O amor é o que nos liga aos outros e a Deus.

O meio escolar é por excelência onde a pessoa, neste caso o aluno se forma como membro de uma sociedade, o que torna pertinente a abordagem desta temática. Na unidade letiva 1 “Viver juntos”, os conteúdos focam este tema, dando relevo à dimensão da aliança com Deus, como ideal na relação entre os seres humanos.

O terceiro capítulo apresenta o modo como a aprendizagem em contexto de sala de aula se pode desenrolar, versando sobre práticas pedagógicas que promovem as

¹ Jo 15, 12. Jesus fala do amor ao próximo, dando à relação entre os homens um caráter basilar da sua condição de Filhos de Deus.

² Cf. Erich Fromm, *A arte de amar*, 1991, p. 40.

relações interpessoais. Neste ponto, mais uma vez os intervenientes no processo são verdadeiramente agentes de promoção dos valores relacionais.

Após uma reflexão é apresentada uma planificação desta unidade, onde surgem alterações feitas à luz do trabalho desenvolvido, e da forma como o Deus da relação é luz para a promoção da vida em grupo, nomeadamente dos alunos.

“Na verdade, a pessoa humana cresce, amadurece e santifica-se tanto mais, quanto mais se relaciona, sai de si mesma para viver em comunhão, com Deus, com os outros e com todas as criaturas.»³

³ Papa Francisco, *Louvado sejas, Carta Encíclica Laudato si' sobre o cuidado da casa comum*, 2015, nº240.

I Capítulo – A experiência pedagógica

1- Caraterização da escola e da turma

1.1 Contextualização

A minha prática de ensino supervisionado decorreu na Escola Integrada da Azambuja, que neste momento faz parte do Agrupamento de Escolas da Azambuja.

O concelho em que se insere está bem servido no que concerne às vias de comunicação e transportes, já que se situa junto à autoestrada A1, apresentando bons acessos à mesma e com uma boa rede de comboios.

Este concelho tem uma população de cerca de 22.000 habitantes nas suas 9 freguesias. No que se refere às atividades económicas mais tradicionais, destacam-se a pesca na Vala e no rio Tejo, a agricultura, a criação de toiros de lide e cavalos. No entanto, apresenta atividades que denunciam a sua proximidade à capital, o que faz desta zona um polo logístico. Com indústria, comércio e serviços, leva à fixação de empresas, que elevam a atividade económica trazendo para esta região desenvolvimento económico e por consequência desenvolvimento social.

Quanto a património arquitetónico e cultural, existem monumentos classificados, de referência histórica, artística e cultural, sendo exemplo disso o «casto» de Vila Nova de São Pedro, a Igreja-palácio, pelourinho e Praça dos Imperadores em Manique do Intendente, as escolas Grandella em Tagarro e Aveiras de Cima, o Solar dos Condes de Aveiras de Baixo, a Igreja da Misericórdia, Pelourinho e Palácio do provedor das

lezírias em Azambuja, os painéis azulejares da Igreja de Vila Nova da Rainha, entre outros que se destacam pela sua importância e valor histórico.

Esta descrição do contexto em que se localiza a escola é de suma importância na medida em que, a comunidade tem sempre uma grande influência na vida de uma instituição escolar, não só por quem a frequenta (alunos), mas também por quem nela trabalha, na sua organização, prioridades e forma de se relacionar com a comunidade em que está inserida. As instituições escolares, na sua dinâmica têm de ter presente o modo de vida, a cultura, a história e tradições do meio envolvente, de modo a que as respostas dadas pelas mesmas sejam mais adequadas à comunidade escolar. Assim sendo, conhecer o meio que a envolve é vital para qualquer instituição escolar.

A Escola Integrada da Azambuja insere-se num meio em que, embora ainda haja atividades económicas mais tradicionais, há uma outra diversidade de atividades que elevam a dinâmica social, dando também uma dinâmica económica que se vai refletir na vida da escola através dos alunos, das suas famílias e de todos os que fazem parte da organização da escola.

1.2 Caracterização da escola

A Escola Integrada da Azambuja irá ser caracterizada tendo em conta diversos aspetos: a sua localização; o edifício e recursos humanos existentes.

No que concerne à sua localização, esta insere-se num concelho cuja reduzida distância da capital, o faz ser uma espécie de «dormitório» de Lisboa, já que uma parte da população reside na Azambuja e trabalha na capital. Assim, a população em idade escolar frequenta as escolas do concelho, por serem da sua área de residência (ou em alguns casos, da área de prestação profissional dos pais).

Esta escola foi construída há mais de 26 anos, integra os três ciclos, sendo frequentada por alunos do 1º ao 9º ano de escolaridade. A pouca distância está implementada a Escola Secundária, que neste momento além do secundário, é frequentada por alunos do 3º ciclo e que funciona como sede do Agrupamento de Escolas da Azambuja.

Junto à escola foi construído um bairro social para albergar famílias socialmente desfavorecidas, muitas delas de etnia cigana. Estas famílias demonstram nas suas práticas diárias uma cultura diferente, onde a vida é feita maioritariamente no exterior. As crianças destas famílias que frequentam a escola trazem para esta, uma forma de estar e de a ver diferente, que se reflete nas suas atitudes e comportamentos.

«Os professores e os seus alunos ocupam com frequência várias culturas diferentes, cada uma com crenças e valores únicos, assim como diferentes formas de comunicação. Esta situação leva a uma descontinuidade e a uma dificuldade de comunicação entre a casa e a escola.»⁴

Deste modo, a escola enfrenta exigências dentro e fora das salas de aula para que haja uma efetiva inclusão destes alunos.

A escola situa-se na extremidade da povoação, tendo um acesso relativamente fácil quer para a utilização do comboio como meio de transporte (a estação ferroviária não fica muito distante), quer para prosseguir em direção à entrada da autoestrada.

O edifício onde funciona a escola é uma estrutura única, moderna, não apresentando indícios de degradação. É composto por dois pisos: o rés-do-chão onde alberga os serviços inerentes à escola, como os Serviços Administrativos, a Sala de

⁴ Richard I. Arends, *Aprender a ensinar*, 2008, p.62.

Professores, o Bar, a Papelaria, o Refeitório, a Sala dos Diretores de Turma, a Reprografia, a Coordenação e as salas de Educação Visual e Tecnológica.

No primeiro piso funcionam maioritariamente as salas de aula e é ainda de destacar a Biblioteca Escolar/Centro de Recursos Educativos.

As salas de aula têm janelas amplas com boa luminosidade, com ar condicionado, um quadro branco e um placard para a afixação de trabalhos realizados pelos alunos. Têm ainda um computador, um videoprojector e é de referir que dez destas salas possuem quadro interativo.

Apenas as disciplinas com componente prática, como Educação Visual e Tecnológica, Educação Musical, Ciências Naturais ou da Natureza e Ciências Físico-químicas, possuem armários para guardar materiais, o que condiciona os restantes docentes no que concerne à utilização/conservação de materiais mais diversificados na prática letiva. «(...) os professores eficazes têm repertórios diversificados e não estão limitados a um conjunto restrito de práticas»⁵.

Muitas vezes, a ação educativa do professor não se prende com a sua prática de ensino, mas sim, com as limitações que encontra diariamente na escola, sejam elas de caráter material como é o exemplo atrás referido, de tempo ou mesmo pelas características dos alunos com quem trabalha.

O espaço exterior tem: áreas ajardinadas; um espaço amplo onde os alunos podem brincar, correr, movimentar-se à volta da escola; um campo de jogos polivalente com balneário; um campo de futebol e de andebol; dois campos de basquetebol e dois de voleibol.

⁵ Richard I. Arends, *Aprender a ensinar*, 2008, p.23.

Tendo em conta a população escolar de que falarei adiante, é de referir que o número de salas se revela insuficiente, dificultando a elaboração dos horários dos alunos/professores e mesmo a concretização de outro tipo de atividades na escola.

A Biblioteca Escolar/Centro de Recursos Educativos, está confinada a um espaço que concerteza em momentos de maior afluência dos alunos pelos mais diversos motivos (realização de pesquisas, de trabalhos das disciplinas, momentos de leitura...) se revela pequeno.

A tabela que se segue é relativa ao número de alunos que frequentam esta escola por ciclos, anos e turmas.

Distribuição do número de alunos por ciclos

Ciclos	Anos	Nº Alunos	Turmas	Total Ciclo
1º	2º	20	C	55
	4º	35	A,B	
2º	5º	147	A, B, C, D, E, F	281
	6º	134	A, B, C, D, E, F	
C.Voc2	-----	21	-----	21
3º	7º	72	D, E, F	127
	8º	35	D, E	
	9º	20	D	

Tabela 1 – Distribuição dos alunos por ciclos, anos, turmas

Após análise da tabela 1, podemos ter uma noção da distribuição dos alunos pelos diversos ciclos. No ano terminal do 1º ciclo e no 2º Ciclo há um número de turmas

que aumenta do 4º ano para o 5º e que se mantém no 6º ano de escolaridade, mas no 3º ciclo a tendência é inversa, havendo uma redução significativa de turmas e conseqüentemente de alunos. Para análise deste facto deverá ter-se em conta a inclusão do 3º ciclo na Escola Secundária mais próxima.

O número de alunos inscritos na disciplina de EMRC é de 7,04 % no 1º ciclo, 43,77% no 2º ciclo e de 35,88% no 3º ciclo (dados relativos ao agrupamento).

No que diz respeito aos encarregados de educação, um grande número trabalha fora de casa, e mesmo fora da vila, regressando apenas no final do dia. Assim a escola é onde os seus filhos passam grande parte do tempo, e no regresso a casa por vezes estão em autogestão ou entregues a familiares (nomeadamente avós) com muita idade.

O corpo docente é composto por 60 professores. Destes, 32 são efetivos sendo os restantes destacados ou contratados. Isto implica uma grande mobilidade de professores todos os anos o que dificulta, por exemplo a concretização do Projeto Educativo de Escola pois, como uma parte dos professores muda anualmente, o conhecimento do projeto para estes tem de ser feito no início do ano, o que acaba por condicionar a sua ação com base no mesmo.

Para além desta mudança anual de professores é ainda um ponto relevante a ter em conta que, a área de residência de uma boa parte dos docentes não é relativamente perto da localização da escola, o que faz com que o percurso seja bastante demorado.

Os aspetos atrás mencionados podem de certa forma condicionar o trabalho dos professores na escola. Embora saibamos que se apresenta como uma realidade da profissão docente já vivida desde longa data, estes demonstram uma capacidade infinita de adaptação, recorrendo a estratégias para diminuir o impacto destes fatores na sua prática profissional.

Com a necessidade de um ensino que tenha como objetivo não só o sucesso dos que realizam facilmente as aprendizagens, mas também da prática de um ensino mais individualizado, que vá ao encontro às necessidades de alunos com mais dificuldades, ou mesmo com algum grau de deficiência (escola inclusiva), os professores necessitam de todo o tempo disponível para planificarem de modo a adotarem estratégias e materiais que vão ajudar na superação das dificuldades dos seus aprendentes.

«Os alunos com dificuldades de aprendizagem, ou com um qualquer tipo de deficiência, têm necessidades especiais que devem ser atendidas, para que estes possam ter um desempenho eficaz tanto dentro como fora da escola.»⁶

Segundo este autor, é necessário que estes alunos tenham um tratamento diferenciado de forma a que dentro do que são as suas limitações possam atingir o sucesso possível. Para isso, os docentes têm de exercer não só as suas aptidões profissionais, mas também possuir condições de trabalho (materiais, tempo,...) que lhes permitam realizar o seu trabalho tendo como objetivo último o sucesso dos alunos.

Relativamente ao pessoal não docente, na sua constituição estão 18 funcionários, sendo todos eles efetivos. A maioria vive na localidade ou nos seus arredores.

Os serviços tecnico-pedagógicos existentes na escola são: Serviço Especializado de Apoio Educativo, Serviço de Psicologia e Orientação, Educação Especial e a Biblioteca Escolar/Centro de Recursos Educativos.

No caso dos Serviços Especializados de Apoio Educativo, estes são formados por docentes do Quadro da Educação Especial e por uma psicóloga. A sua função é acompanhar os alunos que são identificados e sinalizados pelos conselhos de turma, ou

⁶ Richard I. Arends, *Aprender a ensinar*, 2008, p.51.

professores que trabalham diretamente com os alunos, como é o caso do 1º ciclo; em que é preenchida uma Ficha de Caracterização e encaminhada para os serviços.

Relativamente ao Serviço de Psicologia e Orientação, é o psicólogo que acompanha os alunos, individualmente ou em grupo ao longo do processo educativo, com objetivos que podem ser desde a orientação vocacional, a apoio a alunos com dificuldades diversificadas (aprendizagem, relacionais, familiares, entre outras). Este serviço desenvolve a sua atividade de acordo com um Plano Anual que está integrado no Plano Anual da Escola depois de aprovado. Tem sede na Escola Secundária, mas abranje a Escola Integrada da Azambuja.

A Educação Especial é um serviço de particular importância no funcionamento da escola. É através deste serviço, composto por professores da Educação Especial em colaboração com os professores das turmas, que os alunos com Necessidades Educativas Especiais são sinalizados, avaliados e são objeto de todo um processo que visa a sua progressão no sistema de ensino. Após avaliação e em conjunto, professores do Ensino Especial, conselho de turma ou professor titular da turma e pais, tomam decisões relativamente ao percurso escolar do aluno e condições especiais para o mesmo, por forma a que este obtenha sucesso. É aplicado o Plano de Educação Individual (PEI).

«O PEI deve conter informações relativas ao actual nível de desempenho académico da criança, uma declaração dos objetivos educacionais a curto e a longo prazos, um plano para o cumprimento desses objetivos, a quantidade de tempo que a criança passará em aulas regulares e um plano de avaliação. O PEI é revisto anualmente.»⁷

⁷ Richard I. Arends, *Aprender a ensinar*, 2008, p.54.

A Biblioteca é um espaço importante no meio educativo, munida com os mais diversos recursos, proporciona aos alunos o acesso a informação importante para a realização das mais diversas atividades. Este espaço favorece o enriquecimento pessoal dos alunos, dotando-os de ferramentas e conhecimentos relevantes para o seu desenvolvimento intelectual, relacional e de manuseamento de informação.

Do Projeto Educativo da Escola faz parte Plano Anual de Atividades. Neste estão inseridas atividades da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC), sendo elas: Comemorações (dias e semanas temáticas e/ou festivas) ; Atividade – Celebração do Natal e ainda visitas de estudo – Visita de estudo à Serra da Estrela, Interescolas 2º ciclo, Interescolas 1º ciclo e «Tempo de Aventura». Todas as atividades estão devidamente documentadas em registo próprio, relativo à disciplina de EMRC.

1.3 Caracterização da Turma

A turma na qual realizei o estágio, é uma turma do 5º ano de escolaridade, o 5º B. É composta por 27 alunos. Destes 27 alunos, 14 são rapazes e 13 raparigas. Na disciplina de EMRC estão inscritos 12 alunos (7 rapazes e 5 raparigas).

Segundo o registo sobre o perfil dos alunos, as informações recolhidas relativamente aos inscritos na disciplina de EMRC são as seguintes: o aluno nº2 e a aluna nº3 são alunos com frequência do ensino pré-escolar, que revelam bom comportamento e aproveitamento durante o seu percurso escolar; a aluna nº4 é uma aluna estrangeira oriunda dos Palop (Cabo Verde), a usufruir de apoio educativo e possui Plano de Acompanhamento Pedagógico Individual, iniciou o seu percurso escolar em Portugal no 3º ano de escolaridade, no ano anterior teve nível inferior a três

a Português e Matemática; em relação à aluna nº5, não foi ainda disponibilizada informação; o aluno nº7 é um aluno com dificuldades que estão neste momento a ser alvo de avaliação, apresenta ainda um problema de saúde (diabético); a aluna nº16 é uma aluna que frequentou o ensino pré-escolar e que usufrui de apoio educativo nas áreas do Português e da Matemática durante o 1º e 2º períodos, e no 3º período só a Português, apresentou comportamento e aproveitamento satisfatórios; a aluna nº17 frequentou o ensino pré-escolar, com bom comportamento e aproveitamento durante o seu percurso escolar; os alunos nº18 e nº22 irmãos gémeos, e o aluno nº24, frequentaram o ensino pré-escolar, com bom comportamento e muito bom aproveitamento; o aluno nº26, também com frequência do ensino pré-escolar, bom comportamento e aproveitamento durante o seu percurso escolar e por fim o aluno nº28, que integrou a turma apenas no 2º período e que é irmão da aluna nº5, do qual não há ainda informações.

Após o confronto entre as informações disponibilizadas pelo perfil dos alunos (fornecido pelo 1º ciclo) e a experiência vivida em contexto real de sala de aula ao longo da minha prática de estágio, pude refletir e chegar a algumas elações.

Alguns dos alunos com informação de bom comportamento, revelaram durante a prática de estágio um comportamento perturbador, tendo por vezes de ser chamados à atenção e mesmo tendo sido utilizado como recurso de gestão do problema o diálogo e o compromisso feito entre alunos e professora. Constatei ainda que relativamente aos alunos nº5 e nº7, estes revelaram algumas dificuldades que exigem uma maior atenção e apoio por parte do professor. A turma de uma forma geral é bastante participativa demonstrando empenho no desenvolvimento das atividades.

Como já foi referido, a turma tem uma aluna oriunda de um país dos Palop, que tem na base da sua aprendizagem uma diferente cultura e a sua chegada a Portugal foi

relativamente recente (2 anos). Assim, demonstra alguma dificuldade em se expor perante os colegas, falando muito baixinho quando é interpelada para participar na aula, e não revela grande facilidade na criação de laços com os colegas da turma, mostrando-se bastante reservada. Na realidade, tal como refere Richard Arends, as sociedades são cada vez mais multiculturais o que é um desafio para os professores na medida em que, lhes exige um maior cuidado na definição de estratégias de ensino, de modo a que todos se sintam incluídos e que tenham as mesmas oportunidades de realizarem as suas aprendizagens.

«Trabalhar com jovens de origens culturais diversificadas e com variadas necessidades especiais exigirá que os professores possuam um repertório de estratégias e métodos eficazes muito diferentes do anteriormente requerido. Os professores terão também de estar aptos a adaptar os currículos e a instrução de modo a torna-los mais adequados a alunos que podem considerar a escola muito diferente do anteriormente requerido.»⁸

A turma do 5ºB gosta de participar de forma ativa no desenrolar da aula, sendo bastante interventiva quando a estratégia utilizada exige que sejam eles a construir o saber. Sempre que lhes é solicitada uma tarefa em que o seu contributo pessoal é importante para a aquisição dos conteúdos, estes alunos facilmente conseguem fazer a síntese no final de cada aula, revelando que verdadeiramente foram parte ativa na elaboração do seu conhecimento.

Esta dimensão vai de encontro à aprendizagem ativa que segundo Arends está assente numa perspetiva construtivista, em que os alunos participam dialogando e vão construindo os seus significados a partir da sua experiência. Este tipo de aprendizagem

⁸ Richard I. Arends, *Aprender a ensinar*, 2008, p.11.

incentiva a interação com os outros, promovendo a capacidade para desenvolverem características de socialização de extrema importância em que, o enriquecimento de cada um e de todos é construído através da partilha de pontos de vista, de experiências e de culturas diferentes.

Os alunos desta turma estão inseridos numa comunidade escolar e social, com características próprias que se refletem na forma como diariamente se envolvem nas aprendizagens, tendo em vista as perspectivas que lhes são criadas.

O papel da família é fundamental na apropriação dos objetivos inerentes à frequência da escola, por forma a elevar a vontade de ir mais além e de estimular o interesse e gosto pelo estudo. Alguns dos alunos evidenciam estar inseridos em contextos familiares e sociais, onde a escolarização é considerada importante e é feito um trabalho de motivação, apoio e exigência relativamente ao processo ensino/aprendizagem. Estes, dão importância ao cumprimento das tarefas solicitadas, participam ativamente nas aulas e preocupam-se em saber fazer.

Alunos de meios mais desfavorecidos, com famílias destruídas, em que o apoio e o incentivo para o trabalho escolar não é uma realidade revelam uma maior dificuldade em criar desejo de aprender, em compreender o verdadeiro significado da escola como espaço de aprendizagens e de possibilidades futuras. No entanto, é preciso estar desperto para a necessidade de não criar expectativas antecipadas para não condicionarmos os resultados. Segundo Arends, é importante ter em conta que as expectativas nos podem levar a um processo cíclico das expectativas dos professores, como é apresentado no seu livro «Aprender a ensinar»⁹.

O professor projeta as suas expectativas nos alunos e estes são afetados por esse facto, levando o aluno ao encontro das expectativas iniciais do professor. É realmente

⁹ Richard I. Arends, *Aprender a ensinar*, 2008, p.46.

essencial manter a mente aberta relativamente aos alunos, pois cada um reage de forma diferente ao meio em que se insere, à situação familiar, ao professor que o acompanha e tem ainda a capacidade de amadurecer, crescer e isso proporcionar mudanças significativas na sua construção pessoal.

A escola é para os alunos do 5º B como para todos os outros, o espaço aonde podem crescer a todos os níveis, por isso, tem todo um conjunto de infraestruturas, de documentos legais e ainda de profissionais habilitados para que a sua educação seja integral, com o objetivo de os capacitar para serem cidadãos de uma sociedade e de um mundo cada vez mais exigente e seletivo.

A forma como encaram o seu percurso escolar pode ser influenciado pelos professores que com eles interagem. Para que essa interação seja positiva, o professor tem de estar plenamente consciente de que ensinar é mais do que desempenhar apenas uma profissão para a qual se qualificou mas, que exige um trabalho permanente de uma vida.

«Tornar-se um professor verdadeiramente competente não é diferente. É necessário muito voluntarismo alimentado pelo desejo de perfeição; é necessário compreender que aprender a ensinar é um processo de desenvolvimento que se desenrola ao longo de toda a vida, durante o qual se vai gradualmente descobrindo um estilo próprio, mediante reflexão e juízos críticos.»¹⁰

A caracterização de uma escola/turma é de grande importância. Só conhecendo a realidade com que vamos trabalhar, as características do meio em que a instituição está inserida, a organização da própria instituição, os alunos e suas famílias, podemos

¹⁰ Richard I. Arends, *Aprender a ensinar*, 2008, p.28.

construir o nosso plano de atuação e a forma como vamos desenvolver o processo ensino/aprendizagem.

É preciso identificar os constrangimentos com que nos poderemos deparar para conseguir adotar as estratégias mais assertivas no desempenho da nossa prática profissional. Todos os elementos e intervenientes da escola são os componentes que envolvem a chegada à meta, que é o sucesso dos alunos, não só o académico como o da construção da individualidade de cada um.

Com esta reflexão, sinto que os professores são verdadeiramente não só o motor da instituição escola, bem como desempenham um papel de uma importância extrema, modelando e criando os alicerces de maturação de crianças e jovens onde podem fazer a diferença, e com a sua intervenção mudar pessoas e destinos. Basta que se tenha a consciência que é preciso ir trabalhando para desempenhar o seu papel de forma coerente e bem preparada.

As turmas, enquanto grupo e os alunos como indivíduos precisam do nosso contributo para aprenderem, não só os conhecimentos que lhes são transmitidos mas também, a viver em sociedade e a viverem com eles próprios, criando estímulos e metas para a construção do futuro.

A escola é verdadeiramente um pilar na construção das sociedades.

2- O enquadramento de EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA

A disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica está inserida no sistema educativo, incluída na organização curricular do 1º ao 12º ano de escolaridade, ou seja, durante os doze anos de escolaridade obrigatória. A forma como está presente difere das

outras disciplinas, já que é de oferta obrigatória mas de frequência facultativa. Só frequenta a disciplina quem opta pela mesma, além de que o nível atribuído aos alunos não implica a sua aprovação ou não aprovação, bem como não entra na média que é calculada para os alunos no ensino secundário no final de cada ano letivo.

É evidente que a posição da disciplina tem vindo a sofrer alterações, fruto de conversações entre a Conferência Episcopal Portuguesa e o Ministério da Educação e Ciência, alterações essas que estão patentes nos documentos emanados por ambas as instituições ao longo dos últimos anos, nomeadamente o Decreto-lei nº70/2013 de 23 de maio e o Despacho nº6809/2014 de maio. O primeiro documento legisla a disciplina dentro do sistema educativo, incluindo a colocação dos professores que passou a ser da responsabilidade do Ministério da Educação (claro que com a anuência dos Bispos das dioceses para onde o professor pretende concorrer), embora a definição das habilitações para a lecionação da disciplina tenha surgido um ano depois, com um segundo documento.

Estas mudanças revelam algumas das fragilidades da disciplina (o caso das habilitações dos professores) mas, ao mesmo tempo, vêm definir o lugar da mesma na escola e coloca-la a um nível diferente do anterior.

Como todas as mudanças, os desafios são muitos e alguns têm tido resposta à altura. Basta pensarmos que, em 2007 surgiu um programa da disciplina, feito de raiz, de acordo com as exigências feitas às outras disciplinas, com a definição de competências e a forma como era proposto serem trabalhadas. Além dos programas, surgiram também os manuais e os livros de apoio ao professor. Foi um passo de gigante relativamente ao que existia.

Esta resposta às exigências no plano educacional impulsionaram um outro olhar por parte do Ministério da Educação e mesmo dos agentes da comunidade educativa

(nomeadamente da gestão, professores de outras disciplinas, encarregados de educação e alunos), que perceberam que EMRC tinha respostas para os requisitos que eram pedidos às disciplinas. Os manuais com uma estrutura renovada e complementados pelo caderno do aluno criaram expectativas relativamente às aulas.

Recentemente, com a alteração de competências para metas curriculares, a disciplina soube responder novamente ao desafio, com a revisão dos programas, agora com a indicação das metas e ainda com a reformulação dos manuais. Esta constante atualização dá resposta às exigências emanadas do Ministério da Educação e ao mesmo tempo vai ajustando a disciplina no plano social. Com o seu programa procura dar resposta às questões mais atuais que envolvem, não só a sociedade em que nos encontramos inseridos, mas também diretamente os alunos.

No entanto, os desafios são muito mais abrangentes e a qualificação dos professores é um dos mais prementes para que o professor de Educação Moral e Religiosa Católica possa lecionar a disciplina e o possa fazer à luz não só da legislação, mas acima de tudo à luz de um conhecimento, reflexão e preparação que o tornarão um profissional mais bem preparado para os reptos que lhe serão feitos.

Todo o caminho feito anteriormente teve como objetivo situar a disciplina no sistema educativo de modo a que se perceba que, como refere a Conferência Episcopal Portuguesa:

«A EMRC interessa à Escola e, designadamente, à escola estatal. É lugar privilegiado de desenvolvimento harmonioso do aluno, considerado como pessoa, na integridade das dimensões corporal e espiritual, e da abertura à transcendência, aos outros e ao mundo que é chamado a construir. Ao mesmo tempo, a EMRC é um alerta

para referência a estas dimensões que as outras disciplinas, as actividades da escola e o próprio projecto educativo são chamados, também, a contemplar.»¹¹

A Igreja tem perfeita noção do papel importante que tem na construção da identidade das pessoas, nomeadamente na escola, onde as crianças, adolescentes e jovens se formam e onde a formação integral tem inevitavelmente que ter a dimensão religiosa, já que esta é parte integrante do ser humano. É exatamente por esta postura de preocupação com a formação de uma forma consciente e aberta à diferença, que esta disciplina pode ser frequentada por crentes católicos, mas também de outras confissões ou mesmo não crentes. É evidente que nem sempre é fácil gerir a diversidade na sala de aula, mas a diversidade faz parte da mesma e é um verdadeiro desafio ao professor.

Além da diversidade da vivência religiosa, temos toda uma panóplia de outras diversidades como a social, linguística, familiar, económica, racial e outras. O professor deste tempo tem de criar estratégias para gerir a individualidade dos alunos, pois como refere Richard Arends:

«(...), as escolas pertencem a todas as crianças e todas devem ver o seu potencial de aprendizagem maximizado. A diversidade dentro das salas de aula deixou de ser uma questão de política, valores ou de referências pessoais. É um facto»¹².

Neste contexto, é muito importante ter em conta o perfil do professor de EMRC. Como agente de evangelização tem um papel decisivo na transmissão da mensagem em

¹¹ CEP, *A Educação Moral e Religiosa Católica: um valioso contributo para a formação da personalidade*, 2006 p.35.

¹² Richard I. Arends, *Aprender a ensinar*, 2008, p.41.

contexto escolar, embora tendo sempre em conta o meio em que está inserido, a escola, que não é confessional (isto no que diz respeito à escola pública). Então ser professor desta disciplina tão específica implica três dimensões, como refere D. Tomaz Silva Nunes (2005), citado por Elisa Urbano¹³, os traços que definem o perfil geral do professor de EMRC são: a personalidade humana, a personalidade docente e ainda a personalidade crente. Ou seja, a sua dimensão de crente é muito importante na forma como se relaciona com a comunidade escolar, apresentando-se como testemunho da mensagem de Cristo.

É evidente que o contexto da sociedade em que vivemos, uma sociedade obcecada por tudo o que é material, tecnológico-científico, económico, não deixa muitas vezes espaço para as questões mais humanas, que envolvem a relação do indivíduo consigo próprio, com os outros e também com Deus. É nesta conjuntura que se situam as escolas e os nossos alunos, muito conhecedores de tudo e no fundo de tão pouco, muitas vezes desconhecedores de si próprios.

A EMRC tem aqui um papel decisivo no que concerne ao despertar os alunos para outros valores que não deixaram propriamente de existir, mas que estão “adormecidos” algures. A necessidade de valorizar o humano é intemporal e, por mais que as sociedades tentem relegar as humanidades para segundo plano, elas são imprescindíveis no que concerne à busca de sentido para a vida que é intrínseco à existência do homem. A disciplina de EMRC tem neste campo um papel preponderante e complementar às outras disciplinas/áreas académicas. Pode ser um lugar de descoberta e de encontro com o que melhor nos caracteriza como seres humanos, a nossa humanidade e tudo o que lhe é inerente.

¹³ Cf. Elisa Urbano, *A identidade do docente de EMRC. Redescobrir o sentido da obediência*, 2012, p.118.

Não podemos esquecer que o nosso contexto histórico, as nossas raízes, a nossa memória é de cariz cristão, nomeadamente católico, bem como muito do que nos rodeia só faz sentido quando percebemos que, toda a nossa história como povo tem influências de uma religiosidade forte.

Os alunos só crescerão de forma completa se a religião fizer parte da sua formação. É necessário fazer memória para percebermos o que nos rodeia. Além disso, a religiosidade sempre fez parte do ser humano e, mesmo que no final do século XX muitos profetizassem o fim da religião, isso não aconteceu. Pelo contrário, as pessoas continuam à procura do religioso, mesmo que de formas diferentes da tradicional. Este aspeto reforça a necessidade da disciplina no contexto escolar.

As escolas e todos os seus intervenientes estão inseridos numa cultura que deixou de valorizar os aspetos da humanidade, em que parece que tudo gira em torno do que é exterior à pessoa humana, ficando esta um pouco esquecida no meio que a rodeia. A disciplina de EMRC, pela sua componente pedagógica, pela construção dos seus programas, pelos seus conteúdos evangelizadores, reflexo de um trabalho em que é dada primazia às questões da pessoa humana nas suas diversas dimensões, tem a possibilidade de fazer a diferença no meio escolar.

Os alunos precisam de referências na construção da sua personalidade e estas podem ser facultadas numa aula onde se coloca a pessoa em primeiro lugar. Neste âmbito, o professor de EMRC tem um papel decisivo, pois é alguém que tem um lugar muito importante na dinâmica da escola. Pode dar um contributo significativo para as relações na comunidade escolar, ao ser uma presença ativa, cuja área de formação é de inspiração cristã, impregnada da valorização do que é humanista, de valores que o destacam ou deveriam destacar na sua forma de estar e de se relacionar com os outros.

O aspeto da relação está muito presente nestas aulas, a relação consigo próprio, com os outros e com Deus, abordado nos conteúdos a lecionar. Os alunos criam, não raras vezes, uma relação muito próxima com o professor de EMRC, o que denota a construção de elos de confiança, de criação de expectativas relativamente ao que a disciplina lhes pode proporcionar. A aula é vista muitas vezes como espaço de abertura, onde os alunos têm a oportunidade de exporem as suas opiniões, de refletirem sobre as questões que mais os incomodam e de procurarem respostas às suas inquietações. Este aspeto é uma mais-valia para a disciplina, pois colocando o ênfase da aprendizagem dos alunos neles próprios, valorizando o seu contributo, podemos ajudá-los a crescerem como pessoas com um espírito crítico, capazes de fazerem as suas opções de forma mais assertiva.

Nesta disciplina, a questão da crença em Jesus Cristo e nos seus valores evangélicos levanta a questão da sua finalidade: Será catequese onde se pretende que os alunos professem a religião? Ou Será dar a conhecer os valores emanados dos ensinamentos de Jesus e da comunidade crente, abrindo o caminho para uma descoberta pessoal, feitas pelos próprios e com uma base sólida?

A segunda opção é na realidade um dos grandes objetivos da presença da disciplina na escola, a fé construída.

No entanto, a EMRC não deixa de ser um elo importante na evangelização, na medida em que nos apresenta Jesus Cristo como uma opção de vida. A sua mensagem e as suas propostas surgem nos nossos programas e é um ponto de referência da disciplina. É a forma de dar a conhecer Aquele que para alguns, sem contacto com a religião a nível familiar e paroquial, não o conhecem ou têm uma ideia pré-concebida acerca do que é o Cristianismo e o que é verdadeiramente ser Igreja. Ao contrário do que alguns pensam e proclamam, EMRC não é catequese, mas sim uma forma diferente

e complementar de abordar Jesus Cristo e a sua mensagem, dando um contributo importante para a vida das comunidades eclesiais.

As comunidades crentes precisam de encontrar respostas que satisfaçam as suas necessidades, e o facto de a disciplina estar presente na formação académica dos seus filhos, é visto como um complemento não só a nível das disciplinas, como também da extensão do que é vivido no seio familiar e mesmo comunitário. A sociedade portuguesa tem no seu sistema educativo a resposta para estas necessidades ao incluir a disciplina de EMRC na organização curricular.

Esta disciplina, durante muito tempo, foi vista pela sociedade como prescindível, como o aproveitamento do espaço escolar pela Igreja Católica para evangelizar, ou mesmo para estender a catequese à escola, por esse motivo é necessária a clarificação da sua posição, demonstrando a sua legitimidade para estar inserida neste meio.

Como já foi supracitado, o ser humano precisa de referências na sua vida, e sendo as sociedades compostas por seres humanos, as referências são a base da construção das mesmas. Neste campo, a EMRC tem um papel decisivo. A ligação do que é a vida do quotidiano com o que está mais além, a nossa dimensão religiosa, a nossa necessidade de encontro com os outros e com Deus, para além de relações fortuitas assenta em princípios e valores presentes nesta disciplina. Será assim importante para a sociedade a sua existência, para assegurar que na formação dos nossos alunos todas as dimensões são trabalhadas de forma a garantir a formação integral dos mesmos.

A EMRC assume assim um elevado grau de importância, pelo facto de ao longo dos tempos terem sido incluídas áreas ou disciplinas na organização curricular, em que se pretendia trabalhar os valores essenciais para o exercício da cidadania de forma plena (Desenvolvimento Pessoal e Social (DPS) e mesmo Educação cívica), no entanto estas tiveram uma existência curta. O trabalho feito pela disciplina no que toca à construção

da identidade dos alunos como cidadãos continua a revelar-se uma mais-valia embora muitos, com a criação da disciplina de Desenvolvimento Pessoal e Social que era opção a EMRC vaticinassem a redução de alunos na mesma.

A disciplina de EMRC é uma disciplina abrangente, que se coloca numa posição de interação com outras disciplinas (a interdisciplinaridade) e que tem a capacidade de participar em muitos dos projetos que são promovidos na escola (Projeto Educativo, Plano Anual de atividades, Projeto Curricular de Turma e outros), o que a coloca numa relação constante com a comunidade escolar. É evidente que há todo um trabalho importante a desenvolver pelo professor, como agente educativo e portador de valores evangélicos. Onde o respeito pelo espaço escolar como laico, deve ser uma realidade para a relação harmoniosa com a sua postura de portador de uma mensagem evangélica para com toda a comunidade.

EMRC insere-se numa cultura de tradição católica, onde é preciso perceber as raízes históricas para entendermos o povo que somos. Com a presença desta disciplina na escola, a comunidade escolar pode continuar a ter essas referências.

A formação dos alunos, que deve ser global, deve ter em conta a dimensão religiosa e humana dos mesmos, o que se apresenta como razão basilar para que a disciplina seja importante na organização curricular do sistema educativo.

Esta disciplina vive um tempo de grandes mudanças, não só a nível social, como a nível da sua situação no meio educacional. Mudanças essas, que representam grandes desafios, em que a comunidade eclesial, nomeadamente os responsáveis e os professores têm que se manter atentos e procurarem com discernimento as respostas mais adequadas. A missão do professor de Educação Moral Religiosa Católica, não é apenas comunitária, mas também pessoal, fruto de um chamamento ao trabalho na construção da Igreja e de um mundo mais humano. Deste modo, apesar das

dificuldades, somos chamados a responder ao chamamento e a assumir o compromisso que Deus quer fazer conosco, trabalhar na sua mesa.

3-Lecionação da UL1- Viver juntos (5º ano de escolaridade)

A minha prática de ensino supervisionado foi realizada numa turma do 5º ano de escolaridade e a Unidade Letiva (UL) que será objeto da minha reflexão é a UL1-Viver juntos.

A unidade letiva inserida no programa como a primeira a ser lecionada no 5º ano de escolaridade é bastante pertinente se tivermos em conta que os alunos que iniciam o 2º ciclo experienciam, na maioria das vezes, um novo espaço, a escola; uma nova comunidade educativa e professores (passagem de um professor para a vários).

Deste modo, um tema que trabalhe conteúdos que envolvem a pertença a vários grupos e a rede de relações interpessoais que isso implica é de suma importância. A escola é um lugar onde se estabelecem laços entre pares e entre crianças e adultos, com caráter e exigências diferentes dos demais lugares em que as crianças estão inseridas. As relações que se estabelecem não são apenas de aprendizagens académicas, mas também de transformação e amadurecimento pessoal, ou seja a formação integral das crianças e jovens.

«A ideia fundamental de uma educação voltada para os jovens é o facto, que através deles se constrói uma sociedade; portanto o grande problema da sociedade é antes de mais educar os jovens (...).»¹⁴

Como refere o autor, a educação dos jovens terá que promover a preparação para a vida em sociedade, onde as relações interpessoais dominam por completo a vida de cada um. A educação deve ter como premissa o trabalho no sentido de os ajudar a perceber a importância da vida em grupo e a forma como esta funciona, de modo a que seja possível a vida em sociedade e o seu progresso não só técnico, mas acima de tudo humano.

Os conteúdos a lecionar apresentados no programa estão bem organizados. Permitem passar das vivências pessoais dos alunos para aprendizagens mais elaboradas que os vão enriquecer como pessoas e ajudar no modo como se relacionam no seu dia-a-dia, tendo em conta não só as regras de boa convivência como os compromissos que têm de assumir perante os outros elementos de cada grupo ao qual pertencem.

Durante a prática letiva desta unidade coloquei ênfase na criação de laços com os alunos, fazendo o acolhimento dos mesmos antes de entrarem na sala como forma de aproximação (já que é o único dia que estou na escola onde realizo o estágio) e de demonstrar o meu interesse por eles.

No contexto de sala de aula, na lecionação de conteúdos, tentei sempre que percebessem a importância das regras de funcionamento de um grupo, ao valorizar a participação de todos, dar reforço positivo sempre que era oportuno, exigir o cumprimento das regras da sala de aula, como forma de o resultado do trabalho da turma enquanto grupo ser positivo para todos.

¹⁴ Luigi Giussani, *Educar é um risco*, 2006, p.15.

Na preparação de cada aula, foi minha preocupação, partir das experiências pessoais dos alunos, sempre que possível, para as aprendizagens como forma de os valorizar a partir das suas vivências e ainda, de facilitar a apreensão dos conteúdos como algo da vida real, do dia-a-dia e não como algo apenas teórico.

«O que caracteriza a experiência é o entender uma coisa, o descobrir o seu sentido. A experiência implica, portanto, a inteligência do sentido das coisas. E o sentido de uma coisa descobre-se na sua ligação com o resto; por isso a experiência significa descobrir como determinada coisa é útil para o mundo.»¹⁵

Ao longo da lecionação desta unidade, refletindo sobre a prestação e o envolvimento dos alunos, posso concluir que houve aprendizagens da vida em grupo bastante significativas, como a necessidade do cumprimento de regras para uma melhor relação entre todos e ainda, o assumir compromisso com os outros. Em várias situações de aula os alunos fizeram alusão a estes conteúdos nos mais diversos contextos.

Ao propor-me trabalhar a problemática das relações interpessoais em meio escolar, é meu objetivo construir um caminho que leve a uma reflexão do modo como estas se refletem nas aprendizagens como um todo. As relações com os outros são um ponto fulcral do ser humano, já que é um ser em relação.

Surge aqui a questão da Aliança de Deus com a humanidade como ponto de referência, Deus é relação e como é abordado nos conteúdos desta UL através de Abraão e Moisés, considereei ser uma questão de suma importância por todo o envolvimento de doação e compromisso com o outro.

Deus que estabelece uma relação com o povo através do compromisso de estar sempre com ele, amando-o incondicionalmente com todas as dificuldades que o ser

¹⁵ Luigi Giussani, *Educar é um risco*, 2006, p.126.

humano representa pela sua fragilidade, pela sua proximidade com o erro, é um Deus que caminha junto, parceiro do dia-a-dia. No meio escolar, onde há necessidade de se manterem relações de interação na comunidade, exigindo de cada um compromissos e partilhas para a construção de um percurso que leve ao cumprimento dos objetivos da escola, o exemplo desta relação de Deus com a humanidade é crucial. Só juntos, o caminho se torna mais fácil e é possível concretizá-lo.

«Quando eu digo “eu”, digo uma relação, porque dizer eu é igual a dizer “sou feito”; não existo senão pela força e pela vontade de um Outro.»¹⁶

A ideia anterior é pertinente no que concerne ao meio escolar já que, sendo a dimensão religiosa uma das dimensões que compõem a pessoa, esta tem um lugar importante na formação dos alunos. Assim, a disciplina de EMRC tem um papel de relevo a desempenhar na formação das crianças, adolescentes e jovens, trabalhando a dimensão religiosa à luz do Cristianismo.

Um exemplo de relação interpessoal é a relação de Deus com o Seu povo, do povo com Deus, de Deus com o Seu filho e de Cristo com a humanidade. As relações interpessoais são a pedra basilar em EMRC que, ao fazer parte do currículo nas escolas assume um lugar de destaque nesta temática no meio escolar, onde irá incidir a minha problemática.

A disciplina de EMRC, pode dar um contributo muito valioso relativamente ao aprofundamento da questão das relações interpessoais. Podendo trabalhar conteúdos em contexto de sala de aula, e mesmo dinamizar atividades e ações, que envolvam a comunidade escolar, na promoção de uma vivência relacional positiva. Onde o eu esteja

¹⁶ Luigi Giussani, *O sentido de Deus e o Homem Moderno, “A questão Humana” e a Novidade do Cristianismo*, 1998, p.27.

ligado de forma intrínseca ao outro/outros com uma dinâmica de promoção dos valores humanos, de modo a levar à construção de uma comunidade escolar que seja o caminho para a construção de uma sociedade mais humana.

A importância do religioso radica no fazer memória, viver num mundo onde o fator religioso sempre acompanhou o homem ao longo dos tempos e foi evoluindo com a sua própria evolução e progresso. Só podemos compreender o mundo de hoje à luz da influência que a religião, na sua diversidade, teve na cultura, nas tradições, na arquitetura, na política, na sociedade, enfim, em todas as dimensões da vida do ser humano.

Como já referi anteriormente, Portugal que tem um passado muito marcado pela religião católica, tem inerente uma tradição que só se entende tendo em conta este fenómeno. Deste modo, a presença de EMRC na escola é legítima, como modo de promover o conhecimento de uma cultura, de dar resposta às famílias que desejam que os filhos tenham uma formação religiosa com o catolicismo como opção de vivência e ainda, como proposta de caminho aos que não são crentes.

II Capítulo – Deus núcleo da relação

O ser humano tem inerente à sua natureza a relação. A sua existência possui como fonte a questão do Eu em relação com o Tu, e mesmo com o meio que o rodeia. A esta característica de vida em relação está associado o que cada um é na realidade, já que somos o produto das relações que estabelecemos com os outros desde o nosso nascimento (ou mesmo gestação), do meio em que vivemos e do modo como estabelecemos ligações com o que nos rodeia.

A questão do Eu em relação com Deus é uma temática muito interessante na medida em que coloca o ser humano como ser interpelado e que interpela o divino numa constante dialética no decorrer dos tempos. Este Deus em Si já é relação, uma vez que sendo Uno, é a Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo. Deus não é Pai porque cria, Ele cria porque é Pai, já que está em relação com o Seus Filho e está unido a Ele pelo Espírito Santo.¹⁷

É nesta complementaridade do EU e do Tu que está a base de toda uma correlação infinita entre a pessoa humana e Deus.

Deste modo, penso que faz todo o sentido começar exatamente pelo princípio, ou seja, pela Criação realizada por um Deus que nos criou por amor e que, ao longo da nossa história, através de um povo, o povo Hebreu, se deu a conhecer a toda a humanidade: «Toda a humanidade é considerada como uma totalidade, querida e amada por Deus» (Sab 10,1; 14,6; 16,7).¹⁸

Deus, Pai amoroso, abre-se a todos os homens sendo a salvação para todos, e por isso mesmo, Ele toma a iniciativa de através da história da humanidade intervir de

¹⁷ Cf. Luis Fernando Ladaria, *Introducción a la Antropología Teológica*, 1998, p. 57.

¹⁸ Maurizio Flick, et Zoltan Alszegehy, *Antropología Teológica*, 1970, p. 159, nº222.

modo a conduzir para a salvação todos os que acreditarem.¹⁹ Neste âmbito, a aliança e a nova aliança feita com o povo vêm reforçar os laços de Deus com o homem, numa atitude de amor e misericórdia com o ser criado, em que Deus toma a iniciativa para a redenção da humanidade.

A temática da relação Homem – Deus; Deus – Homem e Homem – Homem, pretende ser assim o ponto fulcral desta reflexão.

1- Criação, um Deus em relação

Deus criador de tudo criou o homem à sua imagem e semelhança, homem e mulher os criou:

«Deus, porém, não criou o homem sozinho: desde o princípio criou-os “varão e mulher” (Gn 1,27); e a sua união constitui a primeira forma de comunhão entre as pessoas. Pois o homem, por sua própria natureza, é um ser social, que não pode viver nem desenvolver as suas qualidades sem entrar em relação com os outros.»²⁰

As narrativas da criação revelam todo o amor de Deus pela humanidade. Como refere o Papa Francisco, as narrativas da Bíblia revelam que na existência humana a base são três relações que estão intimamente ligadas: as relações com Deus, com o próximo e com a terra.²¹

Este Deus, que toma a iniciativa é o Deus da relação, aquele que está ligado ao homem e à natureza. A vida dada ao homem «é um dom qual Deus participa algo de Si mesmo à criatura».²² Deus criou-os, estabelecendo logo aí uma relação intrínseca entre

¹⁹ No evangelho de S. João 3,16; aparece a entrega do Filho pelo Pai para que a salvação possa concretizar-se como proposta para todos.

²⁰ Concílio Ecuménico Vaticano II, *Gaudium et Spes*, nº12.

²¹ Cf. Papa Francisco, *Louvado sejas, Carta Encíclica Laudato si' sobre o cuidado da casa comum*, 2015, nº66.

²² Cf. João Paulo II, *Encíclica Evangelium Vitae*, 25 de março de 1995, nº 34.

criador e criado, ao ponto de considerar que esta ação teria como princípio o domínio da humanidade sobre todas as coisas, como colaboradora e vigilante desta obra de Amor (Gn 1,28-29). Desde o momento da criação é pedido ao homem a sua cooperação com Deus no cuidado do mundo, uma responsabilidade perante a Terra que é de Deus e que envolve o respeito pela natureza e o equilíbrio de todos os seres.²³ Este apelo estende-se até aos dias de hoje e tem implicação no futuro da humanidade. Como refere Luis Ladaria, ao ser humano foi dado o domínio sobre o mundo e a criação, para que o governe e o use de modo a glorificar o criador²⁴.

Como já referido anteriormente é interessante verificar que, logo na criação aparece o homem como ser em relação. Primeiro em relação com Deus, um Deus que o ama e que automaticamente estabelece afinidade com Ele, criando-o livre e, com o fim último da eternidade; em segundo, a criação da mulher que se revela como membro da mesma espécie, «Esta, sim, é osso dos meus ossos e carne da minha carne!» (Gn 2,22) e que é criada para que o homem não esteja só.

O Concílio Ecuménico Vaticano II faz uma alusão a esta capacidade de relacionamento do homem, vinculada pela questão do início da comunidade humana:

«Do mesmo modo que Deus não criou os homens para viverem isolados, mas para se unirem em sociedade, (...). Desde o começo da história da salvação, Ele escolheu os homens não só como indivíduos mas ainda como membros de uma comunidade.»²⁵

²³ Cf. Papa Francisco, *Louvado sejas, Carta Encíclica Laudato si' sobre o cuidado da casa comum*, 2015, nº67.

²⁴ Cf. Luis Fernando Ladaria, *Introducción a la Antropología Teológica*, 1998, p.68.

²⁵ Concílio Ecuménico Vaticano II, *Gaudium et Spes*, nº12.

Nos dois relatos da criação, o homem surge com um carácter social. O relato de tradição javista²⁶ (Gn 2,4b-3) fala-nos de um Adão incompleto sem a relação com a Eva. É preciso a união dos dois como célula primária da sociedade, a constituição da família; enquanto no relato (Gn 1,1-2,4b) de tradição sacerdotal,²⁷ Adão representa toda a humanidade, ou seja é reconhecido na sua dimensão coletiva.²⁸

Deste modo podemos perceber a condição da humanidade perante a criação. O homem é verdadeiramente concebido à imagem de Deus, criado com carácter comunitário, representando o homem de sempre relacionado com tudo e todos.

No livro do Génesis surge já esta complementaridade da relação da humanidade; a relação com os outros (na pessoa da mulher), a relação com a natureza (ao ser-lhe confiada a criação) e ainda a relação com Deus, o criador, aquele que lhe deu o sopro da vida (Gn 2,7).

A criação é apenas o início do longo percurso da história humana em diálogo constante com Deus, um Deus que toma a iniciativa de estabelecer relação com o homem. Assim, ao longo de todo o seu percurso Deus estabeleceu contacto com a humanidade das mais diversas formas.

O povo de Israel e os profetas estão em permanente relação com o seu Deus que vai estabelecendo alianças com o povo. Abraão representa todo um povo, uma comunidade a quem Deus se dá a conhecer e a através da qual pretende chegar a toda a humanidade, como refere Juan Luis Ruiz de la Peña, «(...) a comunidade não é para

²⁶ O relato da criação na tradição javista é uma narrativa essencialmente da criação do homem, essa que só se completa com a criação da mulher, dando origem à constituição do casal. Esta narrativa foi elaborada no tempo do rei Salomão (século x a.C.), e tem como referência a experiência vivida naquele tempo. Aparece com a humanidade como o centro da criação.

²⁷ O relato de tradição sacerdotal, chamado assim por surgir a partir dos escritos elaborados na escola sacerdotal durante o exílio na Babilónia (586-538 a.C.), tem também como ponto alto da criação da humanidade o facto de esta ter sempre a marca de Deus ao dizer «viu que era bom». Aqui surge o relato da criação desde o seu princípio.

²⁸ Cf. Juan Luis Ruiz de la Peña, *Imagen de Dios*, 1996, p.206

Israel a simples adição accidental de unidades singulares. É um organismo interlocutor de Deus, mediador da salvação, depositário das promessas»²⁹.

Deus foi estabelecendo aliança com o seu povo (Abraão, Noé, Moisés...), demonstrando que o seu amor à humanidade é infinito e que a salvação está na relação com Deus, mas também na relação dos homens entre si, na sua forma de serem testemunho na sua condição de seres sociais, cuja existência só faz sentido na ligação com os outros.

A aliança entre Deus e o homem revela que o homem só pode ser pessoa quando está em relação. Ao estabelecer a aliança com Abraão, esta não tem como intuito uma fusão entre Deus e um indivíduo, mas entre Deus e uma comunidade, um povo. Esta estabelece princípios reguladores da interação entre os membros. A confiança, a coragem, a aceitação do novo e acima de tudo o amor para com Deus surgem como premissas de uma realidade proposta por Ele.

A aliança com Moisés surge com um povo em sofrimento que precisa de ser salvo. Mais uma vez a dimensão comunitária sobrepõe-se à individual. Deus, na sua relação com o homem pretende fazer-se presente através da sua ação, para que o povo saia do Egito. Nesta relação de amor e salvação, compromete-se com o povo e pede ao povo que se comprometa, no sentido de O reconhecer como o Deus único e caminho de salvação.

«No devido tempo chamou Abraão, para fazer dele pai de um grande povo (cfr. Gn 12,2), povo que, depois dos patriarcas, ele instruiu, por meio de Moisés e dos profetas, para que o reconhecessem como único Deus vivo e verdadeiro, (...).»³⁰

²⁹ Cf. Juan Luis Ruiz de la Peña, *Imagen de Dios*, 1996, p.207

³⁰ Concílio Ecuménico Vaticano II, *Dei Verbum*, nº3.

Deus como criador está presente em tudo e em tudo está em relação. Ele é em Si mesmo a relação. Relação inerente às pessoas da Santíssima Trindade.

2– Deus Trindade

«O pai é a fonte última de tudo, fundamento amoroso e comunicativo de tudo que existe. O Filho, que reflete e por quem tudo foi criado, uniu-se a esta terra, quando foi formado no seio de Maria. O espírito vínculo infinito de amor, está intimamente presente no coração do universo, animando e suscitando novos caminhos»³¹.

Deus surge na história da humanidade como um Deus uno, que ama o seu Povo incondicionalmente e que é misericordioso perante a fragilidade humana. Esta que por vezes faz com que o homem se afaste do Pai, não conseguindo manter-se fiel à relação de Amor e lealdade para com Ele. Mas Deus que é amor não desiste do homem, pelo contrário, procura tocá-lo e salvá-lo interferindo na história da humanidade de modo a que seja possível a sua negação relativamente ao mal e a sua fortificação interior.³²

Este é o Deus que está presente no Antigo Testamento, o Deus dos Judeus, que em muitos momentos da sua história interveio de forma a libertar o seu povo. Deus coloca Abraão como portador da bênção para todos os povos ao escolhê-lo para concretizar a aliança com a humanidade (Gn 12,13).

No Novo Testamento surge-nos este Deus, realmente uno, mas que ao mesmo tempo revela na sua essência trinitária, o Deus Pai (o criador de todo o universo e de tudo o que ele comporta), Senhor da Aliança, o Pai que envia o Seu Filho muito amado para salvar os homens.

³¹ Papa Francisco, *Louvado sejas, Carta Encíclica Laudato si' sobre o cuidado da casa comum*, 2015, nº238.

³² Concílio Ecuménico Vaticano II, *Gaudium et Spes*, nº13.

O Filho que é tornado homem e que, na sua condição humana, deu a conhecer o Pai amoroso e misericordioso e que entregou a sua vida para dar a vida ao homem, trazendo-lhe assim a salvação.

A estas duas pessoas divinas está inerente o Espírito Santo, que no Pentecostes foi recebido pelos discípulos através de Jesus (Jo 20,21-23).

«Para os cristãos, acreditar num Deus único que é comunhão trinitária, leva a pensar que toda a realidade contém em si mesma uma marca trinitária.»³³

A questão de um Deus que é uno e ao mesmo tempo trino foi abordada ao longo dos tempos e foi com Santo Agostinho³⁴ que houve uma maior abertura, com a conceção de um Deus que é relação em Si mesmo.

«Trinitariamente, o Pai é Ele próprio na medida em que é para o Filho. Tal como o Filho é Ele próprio na medida em que em tudo se refere ao Pai. E o Espírito Santo é, na sua mais fundamental identidade, o dom constante entre o Pai e o Filho, e, assim, o elo que eternamente os une. Ser e dar-se não são, num Deus assim, um contra-senso. Pelo contrário, são o seu mais íntimo mistério.»³⁵

Deus como Trindade é em si o paradigma da relação. Este Deus é o Deus da criação e ao mesmo tempo da salvação, esta que já estava implícita na origem da humanidade. Deus é amor e o amor é a experiência da relação com o outro. Foi por amor que Ele nos deu o Seu Filho para concretizar a redenção da humanidade.

³³ Papa Francisco, *Louvado sejas, Carta Encíclica Laudato si' sobre o cuidado da casa comum*, 2015, nº239.

³⁴ Santo Agostinho após a sua conversão, como cristão meditou sobre a Santíssima Trindade, tendo mesmo escrito uma obra "De Trinitate". A doutrina trinitária dele tem por base o estudo das escrituras.

³⁵ Alexandre Palma, *A Trindade é um mistério, mas podemos falar disso*, 2014, p.117.

O evangelista João, na sua primeira carta (1Jo 4,7-8), refere o amor como o eixo central sobre o qual a relação de Deus com os homens se estabelece, com o expoente máximo da doação do Seu próprio Filho, Jesus Cristo; da entrega por amor do próprio e do Espírito Santo como presença do mesmo amor na vida dos homens. O amor é, sem sombra de dúvidas, o grande motivo que torna possível falar de Trindade.³⁶

Entre os vários temas fundamentais do Evangelho de S. João, um deles é as relações entre as pessoas da Santíssima Trindade. As ideias desenvolvem-se e completam-se de forma a tomarmos consciência da relação intrínseca que existe entre as três pessoas, colocando Jesus na esfera do divino. Podemos constatar esta realidade nos capítulos 14 e 16.³⁷

Neste evangelho, Jesus tem um discurso relativamente a Si e ao Pai como se fossem um só (Jo 17,11). Segundo Martin Buber: «para quem lê, com imparcialidade o Evangelho de João, secção após secção, torna-se claro que a invocação “somos um” carece de fundamento. Ele é realmente o Evangelho da relação pura.”³⁸

Esta relação entre Deus e Jesus é uma relação de unidade e ao mesmo tempo de distinção, já que João faz alusão ao facto de que Jesus está no Pai e o Pai está Nele, (Jo 14,11), ou seja, Eles são duas pessoas numa só.

«Trinidade, tanto na vida de Deus como nas relações históricas interpessoais, significa também “oposição”, no sentido de que um não é o outro. Não só cada um é ele próprio através do outro, mas a mesma realidade pode ser vista do lado oposto: através do outro cada um é ele próprio, e é por isso que pode livremente existir no outro.»³⁹

³⁶ Cf. Alexandre Palma, *A Trindade é um mistério, mas podemos falar disso*, 2014, p. 130.

³⁷ Cf. Joaquim Carreira das Neves, *Escritos de S. João*, 2004, p.29.

³⁸ Martin Buber, *Eu e Tu*, 2014, p.89.

³⁹ Enrique Cambón, *A trindade modelo social, o que significam as relações trinitárias na vida em sociedade*, 2001, p.53.

Assim, a trindade revela-se como o pressuposto das relações entre os homens, como parte integrante de uma comunidade, unidos, e ao mesmo tempo sendo pessoas na sua individualidade. Sendo o todo e ao mesmo tempo as partes. S. João dá-nos a conhecer no seu evangelho esta relação de totalidade entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo, como revelação para a vida em Deus.

Na realidade, S. João nos seus escritos, seja nos discursos, seja nos monólogos de Jesus com os seus interlocutores possui expressões que revelam a Sua relação com os homens. Uma relação onde é o mediador da humanidade com Deus Pai e ao mesmo tempo do Espírito Santo como presença do Pai após a sua partida para Ele.

Este Deus trino é para a humanidade o Senhor da criação, o Pai de Adão e Eva. É o Deus que se tornou homem, na pessoa do Filho para se fazer presente na comunidade humana. «O diálogo intratrinitário tem também sua analogia na vida comunitária»⁴⁰. A comunidade também reflete esta imagem de Deus, ao estabelecer relações interpessoais em que a diferença entre as pessoas e as suas características contribuem para enriquecer a mesma. O facto de o homem ter sido criado à imagem de Deus, um Deus trinitário, revela em si mesmo esta apetência natural para a vida em sociedade, que só é possível de ser concretizada se tivermos em conta a capacidade relacional do ser humano.

«O Novo testamento contém desde logo uma revelação transcendental: não só o homem é um ser comunitário; Deus também o é. A manifestação do mistério trinitário, traz uma nova luz para a socialidade humana: ela é a analogia da divina, o ser social do homem é um novo aspeto do seu ser imagem de Deus.»⁴¹

⁴⁰ Maurizio Flick et Zoltan Alszeghy, *Antropologia Teológica*, 1971, p. 169.

⁴¹ Juan Luis Ruiz de la Peña, *Imagen de Dios*, 1996, p.207.

O Deus como trindade revela em si o âmago da relação. Não são Deus se relaciona com tudo o que foi criado, com a humanidade em particular, como o mesmo  já relação em si. A relação de Deus com o homem é uma relação dinâmica. Deus toma a iniciativa da relação e o homem, através da sua fé, toma na mão o compromisso relacional com Deus.

O compromisso humano de relação com Deus exprime-se pela vida eclesial em que, como Igreja formamos um são corpo em Cristo, fazendo a ligação entre as Igrejas locais e a Igreja Universal, numa comunhão com um Deus trindade ao qual chegamos por intermédio do Seu Filho muito amado.

A vivência da fé como crentes exprime-se de forma pessoal. A ação de Deus e a nossa ação no dia-a-dia integram-se como sendo una, uma vez que Deus age na nossa vida em plena comunhão connosco e nós com Ele. Não esquecendo aqui a questão da liberdade a que nos votou.⁴²

A constituição trinitária de Deus revela o Seu amor para com o homem tendo em conta o facto de ter sido criado com vista  salvação. Um amor que torna possível falar de trindade, uma vez que Deus não tem gestos de amor, Ele próprio  amor.⁴³

Inerente ao amor humano, o que ama, o que é amado e o próprio amor; surge a dinâmica da trindade. A trindade pode ser vista tendo em conta esta ação relacional de amor: Um Pai que ama, um Filho que é amado, o Espírito que  o amor.⁴⁴

Desta forma, o ser humano tem em si o amor de Deus que lhe foi dado não são na criação, mas continuamente ao longo de toda a sua história, como reflexo deste Deus que sendo trino se revela como um são.

⁴² Cf. Enrique Cambón, *A trindade modelo social, o que significam as relações trinitárias na vida em sociedade*, 2001, p. 57.

⁴³ Cf. Alexandre Palma, *A Trindade é um Mistério, mas podemos falar disso*, 2014, p. 130.

⁴⁴ *Ibidem*, p.133.

3- As dimensões da pessoa

A pessoa apresenta-se como um ser composto de várias dimensões, cuja existência é única e não repetível. Muitas considerações foram sendo feitas nos mais diversos campos sobre esta questão, que tem ocupado antropólogos, filósofos, sociólogos, teólogos entre outros. Quando falamos de pessoa estamos de certa forma a abrir caminho para uma visão diferenciada, tendo em conta a perspectiva em que a iremos abordar. O Concílio Ecuménico Vaticano II chama-nos a atenção para a questão do que é o homem:

«Mas, o que é o homem? Ele próprio já formulou, e continua a formular, acerca de si mesmo, inúmeras opiniões, diferentes entre si e até contraditórias. Segundo estas, muitas vezes se exalta até se constituir norma absoluta, outras se abate até ao desespero. Daí as suas dúvidas e angústias. A Igreja sente profundamente estas dificuldades e, instruída pela revelação de Deus, pode dar-lhes uma resposta que defina a verdadeira condição do homem, explique as suas fraquezas, ao mesmo tempo que permita conhecer com exatidão a sua dignidade e vocação.»⁴⁵

A definição de pessoa ou mesmo de homem aparece-nos sempre condicionada pela perspectiva do tempo, do contexto da época, das ideologias presentes ou mesmo da área que pretende dar resposta a esta questão, que não deixa de estar presente na mente da humanidade: O que é o homem? O que é a pessoa humana?

A pessoa pode ser definida tendo em conta várias perspectivas. O conceito cristão de pessoa tem em conta «duas experiências humanas fundamentais», por um

⁴⁵ Concílio Ecuménico Vaticano II, *Gaudium et Spes*, nº12.

lado a pessoa como um eu, ser único e responsável, por outro, pertença de um mundo onde se relaciona com o que está à sua volta e que é livre.⁴⁶

A Sagrada Escritura apresenta-nos o homem como aquele que se distingue de todos os outros seres que fazem parte do seu mundo, aquele que foi criado livre e responsável pelos seus atos numa tripla relação: de dependência de Deus, de igualdade para com os outros homens e de domínio sobre as coisas criadas.⁴⁷ Este homem que foi criado à imagem de Deus e que Deus tem todo o empenho em salvar, é livre e pode fazer a sua opção, ou seja, pode querer ser salvo ou não. Como nos diz Martínez Sierra:

«Toda a história da salvação decorre sobre dois trilhos: O pecado do homem e o compromisso de Deus em salvá-lo. No entanto a salvação divina nunca é uma imposição, senão uma oferta ou resposta a um pedido, ao qual o Homem deve aceitar livremente para que o plano da salvação de Deus seja um sucesso.»⁴⁸

O homem é um ser livre, que só nessa liberdade pode encontrar a salvação, escolhendo o bem. Por tanto, ao ambicionar ser livre, as escolhas podem esconder desejos e paixões que ao invés de serem o caminho para chegar a Deus, são apenas o concretizar de impulsos cegos, que podem pôr em causa a dignidade do próprio ou mesmo a dos outros. Segundo o Concílio Ecuménico Vaticano II, na *Gaudium et Spes*, nº 17 “A liberdade verdadeira é um sinal privilegiado da imagem divina do homem”. Este conceito de criação do homem implica uma relação de amor e confiança por parte do criador.

O homem é um ser que na sua natureza é composto por duas dimensões: o corpo e o espírito, e só nesta conexão se concretiza verdadeiramente a pessoa humana. O

⁴⁶ Cf. M.M. Costa Santos, *O conceito cristão de pessoa*, *Communio*, Revista Internacional Católica, Anoll, 1-6, 1985, p. 71

⁴⁷ Alejandro Martínez Sierra, *Antropologia Fundamental*, 2002, p. 109.

⁴⁸ Alejandro Martínez Sierra, *Antropologia Fundamental*, 2002 p. 109.

corpo não é considerado como alternativa ou oposição ao espírito, a sua relação é de complementaridade e constitutiva, um é forma expressiva do outro.⁴⁹

A sua ligação a tudo o que é material e que se faz por meio de um corpo, permite a ação da pessoa no mundo, ação esta que é muito importante se tivermos em conta o que já foi referido quanto ao projeto de Deus para o homem. O seu vínculo ao mundo interior, através da dimensão espiritual que estando em uníssono com a dimensão corpórea eleva o homem à unidade.

3.1 A dimensão corpórea

O ser humano é constituído por duas dimensões que se complementam e que são essenciais na sua existência. Estas são a base da relação com Deus e com os outros.

Segundo Alejandro Martinez Sierra:

«A sua dupla dimensão, material e espiritual, constitui uma união tão íntima que a alma é considerada como forma do corpo. A alma espiritual sobrevive à morte. O homem é um ser pessoal com capacidade de relacionar-se com os outros e estabelecer uma aliança com Deus.»⁵⁰

A corporeidade do homem faz parte da sua relação com Deus na medida em que, Ele nos criou «à Sua imagem e semelhança», o que faz com que ainda antes da existência terrena, cada um de nós já fizesse parte do plano amoroso de Deus. O nosso corpo é como que a materialização dessa vontade amorosa.

⁴⁹ Cf. Juan de Shagun Lucas, *Las dimensiones del hombre*, Antropologia Filosófica, 1996, p.152.

⁵⁰ Alejandro Martínez Sierra, *Antropología teológica fundamental*, 2002, p.97.

«A cada um de nós se podem aplicar estas palavras do Senhor: Antes de te formar no ventre materno, Eu te escolhi; antes que saíesses do seio de tua mãe, Eu te consagrei e te constitui profeta entre as nações.»⁵¹

A nossa existência é o concretizar do amor de Deus por nós, nós que fomos escolhidos antecipadamente como pertencentes a Deus e ao seu projeto para a humanidade. Este amor reflete-se também a nível corporal, já que é a materialização da nossa existência.

O corpo é em si mesmo presença e linguagem da criatura perante o seu criador.⁵² Foi Ele que nos criou com um corpo, considerando que a sua obra era boa.

Através do corpo não entramos só em relação com os outros mas também com Deus, afinal este corpo foi-nos dado por Ele. É a concretização da obra divina e o reflexo do amor de Deus pela humanidade.

O nosso corpo concretiza a história da humanidade, como diz Carlo Roccheta, graças ao nosso corpo, estamos integrados numa história que nos precede e supera de modo absoluto, a história do universo antes e depois e nós.⁵³

Através da nossa existência corporal temos uma missão, um legado a deixar durante a nossa passagem terrena, seja ela breve ou mais longa dentro da aliança que Deus estabelece com o ser humano.

«Não é a pessoa humana que se eleva a Deus. Elevada pelo próprio Deus, conserva no plano humano sua imagem de geração em geração, isto é, todo o ser humano, todo o “adão”, participa da natureza divina, desde o início. Evidentemente, a Igreja ensina que todos somos *chamados a esta participação* como o fora Adão e seus

⁵¹ José Torres, *O caminho da vida humana*, 2011, p.72.

⁵² Cf. Carlo Roccheta, *Hacia una teología de la corporeidad*, 1993, p.142.

⁵³ Cf. Carlo Roccheta, *Hacia una teología de la corporeidad*, 1993, p.133.

descendentes. Porém, *não participaríamos* do mesmo modo que ele por causa do pecado.»⁵⁴

O encontro com Deus só é possível porque, como portadores de um corpo este nos dá a possibilidade de podermos interagir com tudo o que nos rodeia, com o mundo que Ele criou e que nós, dentro da liberdade que nos foi concedida, vamos administrando. A corporeidade situa o homem no mundo, um mundo onde o mesmo age, sendo agente de mudança, mudança esta que se integra no plano que Deus tem para a humanidade.

O corpo fala de cada ser humano de forma única, uma vez que é a partir dele que a vida se concretiza de modo visível, tendo em conta tudo o que no ser humano se revela através dele. Os sentimentos, os sentidos e o pensamento são sempre expressos através da nossa dimensão corporal. O outro conhece-nos porque a nossa presença física o permite. A possibilidade de comunicação com os outros através das expressões do nosso rosto, dos nossos gestos, da nossa postura são possíveis, porque o nosso corpo possui uma linguagem que nos coloca em relação.⁵⁵

Como nos diz Carlo Roccheta, a corporeidade é o primeiro espaço no qual o ser humano experimenta e realiza a sua existência como ser criado.⁵⁶

Esta corporeidade faz parte de Deus, pois, também Ele se fez homem, com um corpo tal como nós, por forma a tornar-se humano e assim poder chegar ao coração dos homens, através da sua humanidade.

O ser humano é chamado a acolher a salvação, esta engloba também o corpo como parte integrante do mesmo. Um corpo criado por Deus com todo o Seu amor:

⁵⁴ António Ribeiro., *O corpo que somos. Aparência sensualidade, comunicação*, 2003, p. 97.

⁵⁵ Cf. Carlo Roccheta, *Hacia una teología de la corporeidad*, 1993, p.19.

⁵⁶ Cf. Carlo Roccheta, *Hacia una teología de la corporeidad*, 1993, p.138.

«...o ser humano é alguém chamado pelo amor gratuito de Deus para se decidir livremente pela acolhida desse amor, estabelecendo uma relação pessoal com Ele aceitando na sua própria vida as implicações éticas e culturais que essa aceitação comporta.»⁵⁷

O reflexo das opções que faz na sua vida enquanto crente colocam-no mais próximo do divino e do caminho da salvação. Este encontro durante a caminhada da vida tem o seu expoente máximo não só na dimensão espiritual, mas também na sua dimensão física, já que o corpo “transpira” a relação com o divino e o fim último da salvação. Deus revela-se apaixonado pelo ser humano, comprometendo-se com o que de mais legítimo tem a nossa humanidade, a liberdade e a corporeidade.

3.2 A dimensão espiritual

A natureza espiritual dota o homem de uma riqueza que revela a beleza da criação, e a diferenciação deste em relação aos outros seres vivos criados.

O ser humano tem uma dimensão espiritual através da qual se realiza plenamente na sua interioridade, não significando isso que esteja desligado do mundo e dos outros. Esta dimensão está presente na vida social, como ponto de partida e de chegada para o amadurecimento da pessoa humana e para a elevar da sua condição. Bento XVI, na sua Encíclica, *Caritas in Veritate*, faz uma importante alusão a esta questão afirmando que o desenvolvimento dos povos depende sobretudo do reconhecimento de que são uma só família, a qual colabora em verdadeira comunhão.⁵⁸

⁵⁷ Cf. Alfonso Garcia Rubio, *Elementos de Antropologia Teológica*, 2004, p.49.

⁵⁸ Cf. Bento XVI, *Encíclica Caritas in Veritate*, 29 de junho de 2009, nº53.

A pessoa reconhece a Deus como Aquele que se dá, que se compromete e que possibilita uma relação íntima de forma a chegar até Ele.

«E Deus decide torná-lo participante da sua própria vida, da sua vida divina. O homem ficará homem; já na terra chamado a viver da vida de Deus (...).»⁵⁹

O homem tem em si o amor de Deus e, por isso é capaz de amar o outro e de revelar esse sentimento tão nobre. A nossa existência tem um propósito no plano divino em que somos uma peça importante neste puzzle que é o universo, do qual fazemos parte. Posto isto, o homem é convidado a participar na criação com a sua inteligência e o amor com que Deus o dotou. O Concílio vaticano II refere que a natureza espiritual da pessoa encontra e deve encontrar a sua perfeição na sabedoria que direciona o homem no bom caminho, o caminho do bem.⁶⁰ Segundo Aguilar:

«Deus não elimina o homem que criou, mas deixa-o vir a ser verdadeiramente “homem”. Aliás, quanto mais homem ele for, tanto mais Deus age nele e por ele.»⁶¹

Somos assim cooperantes de Deus nesta obra magnífica da qual Ele nos deu a honra de participar. Uma participação que tem uma dimensão humana e que nem sempre é positiva já que muitas vezes a ação do homem não é de forma nenhuma benéfica quer para o meio, quer para as pessoas.

O Papa Francisco na Carta Encíclica *Laudato si'*, no capítulo IV, Uma ecologia ambiental; no início apela a uma reflexão sobre todos os elementos de uma ecologia

⁵⁹ Cf. Rui Plus, *Deus em nós*, Livraria Apostulado da Imprensa, 1962,p.16.

⁶⁰ Cf. Concílio ecuménico vaticano II, *Gaudium et Spes*, nº15.

⁶¹ Cf. Miguel Aguilar, *A descoberta da fé*, 1982,p.22.

integral, que abarque todas as dimensões humanas e sociais.⁶² O texto apresentado ao longo deste capítulo da Carta Encíclica revela as fragilidades do mundo em que vivemos, devido à forma como atuamos na natureza, provocando o seu desequilíbrio; e sugere a adoção de comportamentos com vista a uma melhoria do mesmo.

Como o ser humano é composto por várias dimensões, estas estão interligadas na sua ação com o mundo. Ou seja, também a dimensão espiritual da pessoa tem assim um cariz de revelação da ação do espírito no dia-a-dia da humanidade. Todas as nossas opções e formas de agir têm inerente esta dimensão mais profunda.

Deus apresenta-se na essência humana dando-se a conhecer permitindo no entanto ao ser humano a possibilidade de O descobrir e aderir ou não. Afinal, criou-nos livres e ama-nos incondicionalmente. Durante a história da humanidade, tal como nos falam as escrituras, Deus revelou-se mostrando o seu infindável amor através das alianças que foi fazendo com o seu povo, do modo como se foi revelando um Pai amoroso e misericordioso, procurando sempre que o homem encontre o caminho da salvação.

A vinda de Seu filho, Jesus Cristo, marcou a vida dos homens de forma inequívoca. A maior expressão de amor é quando Deus nos ama de tal modo que se torna carne, partilha connosco a sua humanidade para nos guiar até Si, num ato de compaixão e de entrega pela sua criação. Estes laços são de uma profundidade tal que, Ele já marca a vida de cada homem antes da sua existência e para lá dela. Cada um de nós tem uma referência ao divino, que desabrochará ou não, tendo em conta a opção de cada um. Ele está presente para nós.

⁶² C.f Papa Francisco, *Louvado sejas, Carta Encíclica Laudato si' sobre o cuidado da casa comum*, 2015, nº137.

«Um Deus apaixonado pelo ser humano, que age no coração da nossa história, um Deus comprometido com a nossa libertação e com a nossa salvação.»⁶³

O homem como criatura vive absorvido pelo que vê à sua volta, no entanto, quando toma consciência da existência de Deus na sua vida, vive a sua fé de uma forma pessoal e comunitária, acreditando que Deus faz parte dela e que providência as suas necessidades de forma sábia, o que nem sempre está de acordo com o pensamento humano:

«A relação de Deus com cada homem é pessoal e comunitária. A fé é a resposta pessoal do indivíduo à chamada de Deus. Deus relaciona-se com cada um dos homens, mas em comunidade. O destino do homem é participar na mesma vida de Deus em comunhão com os seus semelhantes.»⁶⁴

A beleza da existência está na perfeição da criação, prova indiscutível para quem é cristão de que, Deus está em tudo o que é visível e invisível, estando de forma infinita na vida de cada um. Deste modo, a vida de cada um é inequivocamente o reflexo de Deus. Também o mundo que nos rodeia, o nosso corpo, as nossas relações com os outros, é reflexo de Deus, um reflexo que à luz da fé é visto como a forma viva do amor de Deus por todos nós. A sua presença intemporal está inscrita na vida do homem e ainda assim, em relação aos que ainda não O descobriram, continua pacientemente aberto ao seu reconhecimento, dentro da liberdade com que os dotou na criação.

⁶³ Alfonso Garcia Rubio, *Elementos de Antropologia Teológica*, 2004, p.40.

⁶⁴ Alejandro Martinez Sierra, *Antropologia Fundamental*, 2002, p. 110.

4- A pessoa como ser social

Anteriormente fomos fazendo uma reflexão da pessoa humana, através da dimensão corporal, que é a forma visível da nossa existência e através da dimensão espiritual, que diz respeito ao que de mais pessoal e íntimo temos, que nos liga de forma inequívoca a Deus.

Para podermos compreender na totalidade este ser criado por Deus não poderíamos deixar de aludir à sua dimensão social, pois é esta que sustenta a relação, do ser humano com tudo e todos:

«O desejo de fusão interpessoal é o mais poderoso anseio do homem. É a fusão mais fundamental, é a força que conserva juntos a raça humana, clã, a família, a sociedade. O fracasso em realizá-la significa loucura ou destruição – auto-destruição ou destruição de outros. Sem amor, a humanidade não poderia existir um só dia.»⁶⁵

A dimensão social é verdadeiramente inata ao homem, ou seja ele só é porque é com os outros.

4.1 A relação e o ser humano

O ser humano é um ser intrinsecamente relacional. Desde a sua concepção que a relação está presente. Logo no seio materno ele estabelece uma ligação com a mãe através do corpo; da voz; das sensações; das emoções. Durante a gestação a ligação é realmente de tal forma que embora sejam dois seres distintos, é como se fossem um só. Deste modo, não será descabido dizer que na sua essência está presente a relação. Não

⁶⁵ Erich Fromm, *A arte de amar*, 1991, p. 29.

só a relação com os outros, mas também com o Criador. A realidade interpessoal não está separada do Deus criador que deu vida ao homem, deste modo o encontro com o outro é também um caminho para Deus.⁶⁶

O homem não é uma ilha, não está concebido para viver sozinho, ele nasce numa comunidade e realiza-se nas relações que estabelece ao longo da sua vida,⁶⁷ crescendo, desenvolvendo-se e amadurecendo com o contributo de tudo e todos os que o rodeiam. A sua existência está implícita na participação da sociedade.

«De natureza espiritual, a criatura humana realiza-se nas relações interpessoais: quanto mais as vive de forma autêntica, tanto mais amadurece a própria identidade pessoal. Não é isolando-se que o homem se valoriza a si mesmo, mas relacionando-se com os outros e com Deus, pelo que estas relações são de importância fundamental.»⁶⁸

A vida humana realiza-se permanentemente numa dialética relacional entre as pessoas, a pessoa e Deus e a pessoa e o mundo. Como refere Martin Buber, as esferas em que o mundo da relação se constrói são três: a vida com a natureza, a vida com os homens e a vida com as essencialidades espirituais, onde é uma relação sem fala mas que gera linguagem. Destas três, uma é proeminente, a vida com os homens.⁶⁹

A relação com os outros é o sinal de comunidade, onde todos estão ligados pela pertença a um grupo, a humanidade que foi criada com amor com vista à redenção. A relação humana é a «verdadeira metáfora da relação com Deus: nela o chamamento

⁶⁶ Cf. Joseph Geavert, *El problema del hombre, Introducción a la Antropología filosófica*, 1981, p. 42.

⁶⁷ Durante a existência da pessoa a forma como se relaciona com os que o rodeiam, define o que ele próprio é em determinado momento e, a forma como vai construindo a sua vida nos mais diversos campos tendo em conta as fases que vai ultrapassando.

⁶⁸ Bento XVI, *Encíclica Caritas in Veritate*, 29 de junho de 2009, nº 53.

⁶⁹ Cf. Martin Buber, *Eu e Tu*, 2014, p. 104.

verdadeiro recebe a resposta verdadeira»⁷⁰ É uma relação que faz parte da sua existência, em que há uma ligação entre o Tu e o Eu:

«O tu não é o eu, mas tão pouco é o outro; é uma parte real do eu na comunhão do nós. O eu não se afirma negando o tu amado - ou odiado -, mas abraçando-o – ou recusando-o – na simbiose de uma existência partilhada.»⁷¹

As pessoas só adquirem a sua identidade mediante a relação que estabelecem com os outros. É desta forma que cada um estrutura a sua personalidade, tendo por base as ligações que estabelece com a comunidade em que está inserido, as experiências que vivencia e a forma como vai amadurecendo pessoalmente. É através da relação que nós nos formamos como pessoa e ao mesmo tempo nos sociabilizamos.

Todos nós estamos inseridos numa cultura, num meio social que de certa forma condiciona/potencia a nossa capacidade ou forma de nos relacionarmos com os outros ou com o que nos rodeia. Num mundo global, onde facilmente temos acesso a tudo e a todos, nem sempre o aspeto relacional é posto em relevo. A relação é o que dignifica e norteia a vida do indivíduo:

«O homem é tanto mais pessoa quanto mais forte for o Eu da palavra fundamental Eu-Tu, na dualidade humana do ser Eu.»⁷²

O ser humano é verdadeiramente comunhão com o outro com quem comunica e através do qual se identifica como ser humano, inserido num projeto em que é único e irrepitível, existindo apenas por ser parte integrante de uma sociedade. Como refere

⁷⁰ Cf. Martin Buber, *Eu e Tu*, 2014, p. 106.

⁷¹ Juan Luis De La Peña, *Imagen de Dios*, 1988, p. 177.

⁷² Martin Buber, *Eu e Tu*, 2014, p. 69.

Juan Lucas, o homem é um ser de diálogo e solidário porque fala, ama, troca pensamentos projetos e afetos. É relação.⁷³

4.2 A relação com os outros

O ser humano é um ser cuja existência se centra na vida em comunidade, vive permanentemente inserido em vários grupos: família; amigos; escola; trabalho; atividades das mais variadas. Esta teia relacional vai surgindo e desaparecendo tendo em conta o desenrolar das várias fases da vida ou mesmo as escolhas que o indivíduo vai fazendo. Assim, é claro que a relação com o outro é um aspeto tremendamente presente na vida de qualquer ser humano com tudo o que implica, a forma de estabelecer estas relações, as características pessoais de cada um, as suas experiências individuais ou coletivas. Como refere Joseph Gevaert, «os indivíduos existem unicamente enquanto participantes da sociedade»⁷⁴.

A forma como cada indivíduo desenvolve as suas apetências pessoais está intimamente ligada ao modo como as suas relações com o outro se vão desenvolvendo. O facto de a ligação do Eu com o Tu se desenrolar de um determinado jeito leva a aprendizagens que se repercutirão pela vida fora, embora por vezes novas experiências possam levar a mudanças de atitude. A cultura em que está inserido tem um peso deveras importante.

⁷³ Cf. Juan de Sahagun Lucas, *Las dimensiones del hombre, Antropologia Filosófica*, 1996, p. 178.

⁷⁴ Joseph Gevaert, *El problema del Hombre, Introduccion a la antropología filosófica*, 1981, p. 39.

«A sua identidade vai-se modelando dentro de um contexto social determinado até ao ponto de alguns se perguntarem se o homem só existe na medida em que participa de um meio cultural concreto.»⁷⁵

Numa relação, a relação do Eu com o Tu é marcada por várias circunstâncias e ainda pelos sentimentos que os envolvem, sendo muitas vezes uma forma de se realizar a valorização dos intervenientes ou mesmo o crescimento a nível afetivo, material e/ou espiritual. A comunidade humana revela-se na forma como os seus elementos geram uma dinâmica de vida.

«A comunidade verdadeira não nasce em virtude de as pessoas terem sentimentos umas pelas outras (embora sem isso ela não possa nascer), mas graças a estas duas coisas: estarem todas em relação viva e recíproca com um centro vivo, estarem interligadas entre si através de uma relação viva e recíproca. (...) A relação viva e recíproca implica sentimentos, mas não provém desses sentimentos. A comunidade edifica-se sobre a relação viva e recíproca mas o seu obreiro é o centro vivo e atuante.»⁷⁶

A relação apesar de ser inata no ser humano, envolve um conjunto de exigências que a tornam no motor inequívoco da sociedade, o que de certa forma condiciona o modo como esta evolui e a definição de premissas para as novas gerações. Por isso mesmo, revela-se de suma importância a forma como cada indivíduo, desde o seu nascimento desenvolve as suas capacidades de se relacionar com os outros (desde aqueles com quem tem laços afetivos mais fortes, aos que surgem de forma espontânea ao longo do tempo), não descurando a cultura em que está inserido e que também é

⁷⁵ Juan De Sahagun Lucas, *Las Dimensiones Del Hombre, Antropologia Filosofica*, 1996, p. 197.

⁷⁶ Martin Buber, *Eu e Tu*, 2014, p.49

fonte de aprendizagem relativamente a este facto. Na vida em sociedade, as instituições que a formam e às quais o indivíduo pertence podem ter um peso preponderante na forma como se relaciona com os outros.

«A verdadeira vida pública e a verdadeira vida pessoal são duas figuras da relação. Para que nasçam e durem, são necessários sentimentos, que são o seu conteúdo mutante, e instituições, que são a sua forma constante...»⁷⁷

4.3 O cristianismo e a relação

A mensagem de Cristo conduz-nos indubitavelmente a esta realização da pessoa em comunidade. A mensagem cristã é na sua essência um hino às relações interpessoais, pois todos os ensinamentos de Jesus se centram na vida com os outros, a primazia do Eu com o Tu. Com o seu próprio exemplo de uma vida para os outros e pelos outros, revela-se como instrumento de relação entre Ele e o Pai e ao mesmo tempo entre Ele e a humanidade. Através do mandamento do Amor, a sua doutrina assenta primordialmente na relação, relação com Deus e com o próximo. Toda esta dinâmica revela uma capacidade de conexão incondicional.

«E para anteciparmos e irmos ao reino da relação incondicional buscar uma imagem: quão poderoso e até avassalador, é o dizer-Eu de Jesus, e quão clara e manifestamente é legítimo! Pois é o Eu da relação incondicional, em que o homem chama “Pai” ao seu Tu, de tal modo que Ele já só é Filho e nada mais que Filho. Sempre

⁷⁷ Martin Buber, *Eu e Tu*, 2014, p.50

que diz Eu, já só pode significar o Eu da palavra fundamental sagrada, que para Ele se tornou incondicional.»⁷⁸

Afinal, Deus é o Tu do Homem e o Homem é o Tu de Deus, numa reciprocidade de adesão em que, o fazer parte da comunidade crente é um vínculo pelo «nacer de novo» através do batismo. Neste «nacer de novo» (Jo 3, 3), surge a pertença a uma comunidade, a comunidade dos filhos de Deus. Dos que buscam na relação com o divino o sentido para a sua vida, estabelecendo laços com a comunidade crente, fazendo-se pertença e partilhando os ensinamentos, os propósitos e o modo de vida da mesma.

Pelo batismo a nossa relação com Deus revela o caráter amoroso da relação entre o Tu e o Eu, em que somos convidados a permanecer em Cristo salvador que nos mostrou a face de um Pai que ama inteiramente, que nunca desiste de nós estando sempre presente nas vicissitudes da nossa vida quotidiana e estabelecendo connosco uma relação de reciprocidade e não de soberania.

A constituição de uma comunidade, hoje chamada Igreja, onde todos os elementos têm um lugar em que são chamados a uma relação única como crentes, constituindo um modelo de vida em comum, em que cada um é convidado a sair ao encontro do mundo, revela o projeto de Deus para a existência da humanidade.

Segundo Martin Buber: «Quem verdadeiramente sai ao encontro do mundo vai ao encontro de Deus»⁷⁹. Este encontro com os outros, iluminado pela fé em Deus, permite a troca de conhecimento e de uma experiência que só faz sentido na relação com a comunidade.

⁷⁸ Martin Buber, *Eu e Tu*, 2014, p.70.

⁷⁹ Cf. Martin Buber, *Eu e Tu*, p.98.

O testemunho que o Eu transmite, só faz sentido com a existência de um Tu que o acolhe, em que a relação é condição para que haja partilha e um crescimento mútuo nas mais diversas vertentes do ser humano, mesmo na sua dimensão religiosa.

«O que se cria com o testemunho é uma relação interpessoal que, por força do conteúdo testemunhado, permite o conhecimento de duas pessoas. Esta possibilidade de relação pertence à esfera mais profunda do conhecimento interpessoal porque, no terreno do conteúdo do testemunho, ambos permitem o conhecimento da sua identidade.»⁸⁰

A forma como em Igreja vivemos e comunicamos uns com os outros, leva a um testemunho que vai para lá da esfera da comunidade eclesial influenciando aqueles que nos rodeiam, com quem estabelecemos interação, enriquecendo a vida de todos e de cada um em particular.

O concílio Vaticano II, revela a doutrina de uma Igreja, que reflete nas diversas áreas da sociedade em que está inserida e onde o ser humano está ligado aos outros. Tendo a preocupação de procurar as melhores respostas para as dificuldades que se apresentam nas sociedades e sobre as quais tem uma visão que reflete uma doutrina, onde o bem da pessoa é primordial. Por isso mesmo, o documento⁸¹ produzido por este concílio, tem um discurso que abrange desde a questão da economia, da família, do trabalho, das instituições e mesmo da própria Igreja.

O cristianismo é presença viva da relação na vida pessoal do crente, relação com um Deus vivo, um Deus que tem nas mãos tudo o que faz parte da vida temporal do ser

⁸⁰ Rino Fisichella, *A fé como resposta de sentido, Abandonar-se ao Mistério*, 2006, p.111.

⁸¹ O documento referenciado é a *Gaudium et Spes*, A Igreja no mundo atual, que faz uma abordagem do homem no mundo aos olhos da Igreja.

humano⁸². Deste modo o homem é a relação de Deus com a humanidade, consumada numa vida em comunidade, onde o outro é o próximo com quem eu tenho um compromisso que vai para além do que é mundano.

4.4 – A escola e a relação interpessoal

As instituições são o reflexo da forma como a sociedade se organiza segundo os objetivos e o tipo de relação que os seus membros pretendem atingir. A escola, instituição com um peso importantíssimo no desenvolvimento das sociedades, tem na sua essência todo um conjunto de ensinamentos (formais e não formais), que não têm como objetivo único o conhecimento intelectual, tal como podemos constatar na referência à educação presente no Relatório Delors.

«Para poder dar resposta ao conjunto das suas missões, a educação deve organizar-se em torno de quatro aprendizagens fundamentais que, ao longo de toda a vida, serão de algum modo para cada indivíduo, os pilares do conhecimento: aprender a conhecer, isto é adquirir os instrumentos da compreensão; aprender a fazer, para poder agir sobre o meio envolvente; aprender a viver juntos, a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas; finalmente aprender a ser, via essencial que integra as três precedentes.»⁸³

A educação, neste caso a escolar, deve ter em conta que as aprendizagens feitas nos primeiros anos de vida, infância, adolescência e juventude marcam decisivamente a forma de

⁸² Cf. Luigi Giussani, *O Sentido de Deus e o Homem Moderno, "A Questão Humana" e a Novidade do Cristianismo*, 1998, p. 131

⁸³ Jacques Delors et al, *Educação, um tesouro a descobrir*, Relatório para a UNESCO da comissão internacional sobre Educação para o séc. XXI, 1996, p.89.

pensar e agir dos aprendentes ao longo da sua participação na sociedade e há todo um conjunto de aprendizagens onde a relação com os outros é primordial. Neste contexto, o Eu envolve-se com o Tu e começa a discernir o que significa a relação para além do que conhece como o meio familiar e pares.

Desta feita, o Concílio Vaticano II, na sua Declaração sobre a liberdade religiosa, tem uma palavra para os educadores sobre a importância da formação da pessoa humana:

«Pelo que este Concílio Vaticano exorta a todos, mas sobretudo aos que têm a seu cargo educar outros, a que se esforcem por formar homens que, fieis à ordem moral, obedecem à autoridade legítima e amem a autêntica liberdade; isto é, homens que julguem as coisas por si mesmos e à luz da verdade, procedam com sentido de responsabilidade, e aspirem a tudo o que é verdadeiro e justo, prontos para colaborarem com os demais.»⁸⁴

A componente relacional é fundamental na construção do eu como pessoa. As aprendizagens que brotam da convivência com os outros irão ditar a forma como se vai inserir na sociedade futuramente e o modo como vai interagir com os outros. O conhecimento de valores que promovam as boas relações com os outros é a forma de criar atitudes verdadeiramente promotoras de uma maior colaboração na construção de uma rede de relações verdadeiramente humanas. Cada um toma consciência do seu lugar na comunidade a que pertence.

«A pessoa torna-se consciente de si própria como alguém que participa do ser, que coexiste com outros e, portanto como ser. O ser individual torna-se consciente de si

⁸⁴ Concílio Ecuménico Vaticano II, *Dignitatis Humanae*, nº8, p.269.

como ser que é assim e não de outro modo. A pessoa diz “sou”. O ser individual diz “Sou assim.” “Conhece-te a ti mesmo” significa para a pessoa: conhece-te como ser; e para o ser individual: conhece o teu ser-assim. O ser individual, ao apartar-se dos outros, afasta-se do ser.»⁸⁵

Na escola, as crianças e jovens estão em constante relação não só com os seus pares, mas também com os adultos nomeadamente os professores. Neste contexto são trabalhadas as relações interpessoais, de modo formal em algumas disciplinas ou Unidades curriculares, e de modo informal com o regulamento da escola e a ação de professores, funcionários e alunos.

Como local onde os alunos passam a maior parte do seu dia, a escola tem um papel muito importante na promoção da aprendizagem e desenvolvimento das relações, sendo que cada criança e jovem será um adulto ativo na sociedade do amanhã. O crescimento saudável passa por saber o quanto a relação com os outros faz parte de cada um e é a única forma de sermos verdadeiramente pessoa. Já no Concílio Vaticano II é feita referência ao lugar que a educação ocupa na construção da sociedade, uma sociedade que só pode funcionar como tal quando os seus elementos desenvolvem laços que lhes permitem conhecer, fazer, ter espírito crítico, ser livre ou seja construir o seu Eu a partir da relação com o Tu. E aqui o papel desta instituição é de suma importância.

«Entre todos os meios de educação, tem especial importância a escola, que em virtude da sua missão, enquanto cultiva atentamente as faculdades intelectuais, desenvolve a capacidade de julgar retamente, introduz no património cultural adquirido pelas gerações passadas, promove o sentido dos valores, prepara a vida profissional, e

⁸⁵ Martin Buber, *Eu e Tu*, 2014, p.67.

criando entre alunos de índole e condição diferentes um convívio amigável, favorece a disposição à compreensão mútua (...)»⁸⁶

O papel dos professores na promoção das relações interpessoais que levam a um desenvolvimento saudável e integral dos alunos revela bem a responsabilidade deste agente educativo. Os alunos inseridos numa cultura serão agentes da mesma, logo a escola tem um papel decisivo na forma como transmite todos os conhecimentos académicos e não só.

«A educação é um importante agente criador de cultura. Esta cultura, que só pode nascer e desenvolver-se na liberdade, deve abarcar a totalidade do homem e, se o homem é relação com o seu destino, não pode ignorar este factor, que constitui além disso, o seu impulso supremo, o estímulo supremo.»⁸⁷

A Igreja, através do ensino religioso nas escolas, quer nas escolas católicas, quer na escola pública através da disciplina de Educação Moral e Religiosa católica, procura que a formação dos educandos seja verdadeiramente integral, abrangendo também a sua dimensão espiritual. Desta forma, nas unidades curriculares que fazem parte do programa, é privilegiada a relação com os outros, umas vezes de forma objetiva outras vezes implicitamente.

O ser com os outros é muito importante no desenvolvimento do ser humano, pois só podemos ser com os outros. Ninguém é uma ilha, todos vivemos em interdependência com os semelhantes e as experiências feitas durante a fase de crescimento podem revelar-se como o caminho para a aquisição de competências que levam a um verdadeiro entendimento da realidade que nos rodeia.

⁸⁶ Concílio Ecuménico Vaticano II, *Gravissimum Educationis*, nº5.

⁸⁷ Luigi Giussani, *Realidade e juventude, Desafio*, 2003, p. 201.

«A educação tem por missão, por um lado, transmitir conhecimentos sobre a diversidade da espécie humana e, por outro, levar as pessoas a tomar consciência das semelhanças e da interdependência entre todos os seres humanos do planeta. Desde tenra idade a escola deve, pois, aproveitar todas as ocasiões para esta dupla aprendizagem.»⁸⁸

As aprendizagens realizadas na escola despertam para uma construção da pessoa de forma totalitária em que a relação com os outros representa a construção de ser consigo próprio. Este ser tem também presente uma dimensão relacional com um Deus, uma entidade que está por natureza imersa na essência de cada um. Martin Buber refere que a finalidade da relação é mesmo o contacto do Tu e que, através do toque de cada Tu roçamos um sopro de vida eterna.⁸⁹ A relação com cada Tu revela de certa forma, a relação com Deus, pois o ser humano é criado por Deus, logo tem a marca divina.

⁸⁸ Jacques Delors et al, *Educação, um tesouro a descobrir*, Relatório para a UNESCO da comissão internacional sobre Educação para o séc. XXI, 1996, p.97.

⁸⁹ Martin Buber, *Eu e Tu*, 2014, p.66.

III Capítulo – Um novo olhar sobre a Unidade “Viver juntos”

1- Os modelos de ensino e as relações interpessoais

A escola em toda a sua grandeza é um espaço de encontro entre pares e não só. Os adultos que trabalham nesta instituição têm um papel decisivo no dia-a-dia das crianças e jovens, promovendo todo o tipo de aprendizagens que se irão refletir na construção do ser pessoa.

Este desenvolvimento do ser humano, que se desenrola desde o nascimento até à morte, é um processo dialético que começa pelo conhecimento de si mesmo para se abrir, em seguida, à relação com o outro.

A sala de aula é o espaço onde a interação entre os intervenientes é mais intensa e focada no processo ensino aprendizagem e em que as competências relacionais podem de certa forma ser trabalhadas utilizando-se para isso estratégias de ensino que implicam mais ou menos o Outro.

As aprendizagens devem ser centradas na construção da pessoa de forma globalizante. O relatório «Educação, um tesouro a descobrir», coloca a educação em quatro pilares, aprender a saber; aprender a fazer; aprender a viver com os outros e aprender a ser, sendo que este último é considerado como o cumular dos anteriores. Tendo em conta que o meio escolar é lugar privilegiado da interação pessoal, mesmo o ensino formal deve ter em conta este aspeto, promovendo estratégias de ensino que contemplem esta dimensão do indivíduo.

Os modelos de ensino que nos são apresentados por Richard Arends dão-nos uma perspetiva do que na realidade o professor pode pretender na forma como planifica as suas aulas.

O modelo centrado no professor, onde a interação entre os alunos e mesmo entre alunos e professor não é preponderante, dando-se mais relevo ao ensino expositivo com características próprias. Este tem como objetivo três resultados de aprendizagem, sendo eles: desenvolver hábitos de escuta e de pensar; alargar as estruturas conceptuais e adquirir e assimilar novas informações.⁹⁰

Este modelo exige que o professor construa na sala de aula um ambiente bastante organizado para que os alunos consigam estar atentos. Mas também que este tenha pleno conhecimento do que pretende transmitir e que o faça de uma forma ativa, para captar a atenção dos alunos e assim conseguir concretizar os objetivos a que se propôs.

Os modelos de ensino centrados no aluno têm como ponto fulcral um maior envolvimento dos alunos no seu processo ensino-aprendizagem. O professor e a sua postura em contexto de sala de aula continua a ser fundamental, mas agora o aluno é uma peça chave no desenvolvimento das suas competências de aprendizagem. Os seus conhecimentos nos diversos âmbitos, mesmo no relacional são construídos pelo mesmo em cooperação com os outros intervenientes em contexto de sala de aula ou mesmo outro (biblioteca, projetos, clubes).

Os alunos estão em constante relação com os colegas, o que ao ser uma realidade no contexto da aquisição de conhecimentos pode ser um fator positivo para todos, na medida em que estão num contexto gerido por um adulto, que tem competências para orientar o trabalho a desenvolver pelos alunos segundo os objetivos a que se propôs na sua planificação de aula.

⁹⁰ Cf. Richard I. Arends, *Aprender a ensinar*, 2008, p. 257

2- Justificação da nova proposta de planificação

Considerando todo o trabalho e reflexão realizados até ao momento considere pertinente a apresentação de uma nova planificação da UI 1 – “Viver juntos”.

Esta unidade letiva que apresenta a valorização das relações interpessoais tendo em conta um modelo de relação com Deus; o Deus da aliança com a humanidade; é a melhor forma de iniciar um novo momento do crescimento/desenvolvimento dos alunos, a entrada para o 2º ciclo.

A preponderância da dimensão social no cristianismo revela a forma como a vida em sociedade tem uma relevante inspiração na religião cristã. Devo por exemplo referir que quando foi trabalhada a questão dos Mandamentos dados a Moisés, em turmas onde o trabalho implicou alguma reflexão mais profunda, verificámos (professora e alunos), que tirando determinados apontamentos religiosos, os mandamentos aparecem refletidos em leis, regras da própria sociedade. Tal como refere o Manual do aluno:

«Os mandamentos vieram ajudar as pessoas daquele povo a viverem melhor, respeitando Deus, respeitando-se umas às outras, bem como tudo aquilo que pertence aos outros.»⁹¹

O cristianismo revela a sua essência relacional, que surge com um Deus que constrói uma aliança com o seu povo e esta temática estende-se à relação com os outros, que está patente no mandamento do amor.

Deste modo foi reestruturada a planificação anteriormente apresentada durante a prática letiva na Escola Integrada da Azambuja.

⁹¹ Manual do aluno, *Conta Comigo*, 5º ano, 2015, p.28.

3- Nova proposta de planificação da UL1 - «Viver juntos»

A reflexão feita ao longo deste trabalho possibilitou a reformulação da planificação da UL1- «Viver juntos», incidindo sobre a questão das relações interpessoais, e deste modo, as estratégias utilizadas e os conteúdos trabalhados têm como objetivo valorizar esta dimensão no processo ensino/aprendizagem.

Tendo em conta a faixa etária dos alunos, as novas propostas visam de uma forma mais dinâmica e com atividades que envolvem mais os alunos, colocá-los perante a forma como se relacionam com os outros, nomeadamente com os colegas.

3.1- Planificações

As planificações surgem a partir da aula nº2, uma vez que a 1ª aula não foi lecionada por mim a quando da Prática de Ensino Supervisionada, mas pelo professor cooperante.

É ainda de salientar que os anexos referidos nas diversas aulas encontram-se na secção Anexos III, correspondente à nova planificação da Unidade Letiva.

Aula nº2

Na aula nº 2, sendo uma aula de apresentação em que a primeira impressão pode ser relevante na forma como posteriormente a relação alunos /professora se vai

desenvolver, mantive a forma de apresentação da professora aos alunos, mas criei uma dinâmica diferente para a apresentação dos alunos.

A dinâmica «Quem sou», cria uma certa ligação momentânea entre os alunos (que sendo do 5º ano de escolaridade podem vir de escolas diferentes e por isso não se conhecem ainda), uma vez que cada aluno tem um cartão com a forma de um rosto (anexo a) com o nome de um colega e, é ele que o introduz para que ele se apresente. Considero que esta estratégia ajuda a envolver toda a turma, não havendo a sensação de que enquanto um aluno se apresenta, os outros podem dispersar-se. Criando assim uma maior interação entre eles.

O facto de cada aluno guardar o cartão com o nome de um colega, como sendo o início de uma atividade que surgirá mais tarde, aguça a curiosidade dos alunos e propícia um envolvimento na aula desde o início. Este facto pode ser relevante como estratégia de motivação.

A aprendizagem tem como ponto de sustentação não só os conteúdos como os intervenientes do processo e a sua predisposição para ensinar/aprender.

«A vida na sala de aula é, assim, o resultado de alunos motivados individualmente e professores que interagem num contexto social. É a partir deste desenvolvimento e interação sustentáveis que as comunidades de aprendizagem evoluem para produzirem a aprendizagem académica e social desejável.»⁹²

Ao planificar a aula foi tido em conta o facto de ser o primeiro contacto com os alunos e por isso, criar desde logo uma certa dinâmica entre a turma e entre o professor e a turma era necessário.

⁹² Richard I. Arends, *Aprender a ensinar*, 2008, p.137

Considerarei que a restante planificação desta aula se adapta perfeitamente como sequência, pois há uma troca de experiências entre os alunos relativamente à questão das mudanças vividas por eles. A utilização da experiência pessoal dos alunos é relevante no processo de desenvolvimento dos mesmos.

Aula nº3

A aula nº 3 tem como primeiro ponto, o fazer a ponte com a aula anterior de modo a que os alunos se sintam enquadrados para aprender novos conteúdos. Esta prática apresenta-se como uma constante na minha planificação, pois tendo em conta que os alunos têm aula de semana a semana, considero de suma importância estabelecer a ligação entre o que foi trabalhado na aula anterior com os conteúdos presentes na planificação da aula seguinte.

Neste caso, proponho a leitura do texto «Aprender a estudar» do Manual do aluno como ponto de partida, já que a referência às mudanças se centra na escola e na nova etapa da vida dos alunos.

O texto faz alusão à aprendizagem com uma visão de forma de crescer, não só em conhecimentos, mas também como pessoas em relação com os outros. É uma forma de consolidar as aprendizagens da aula anterior relativamente às mudanças e a tudo o que envolvem.

A apresentação de Abraão como modelo de alguém que vive a mudança, feita em PowerPoint (anexo b) manteve-se, uma vez que considerarei que ajuda os alunos a conhecerem este profeta (para os que frequentam a catequese será um reavivar a memória).

A alteração introduzida foi a atividade relativa à história de Abraão. Deste modo a estratégia apresentada foi o trabalho de grupo, em que os alunos após serem

distribuídos pelo professor em grupos de quatro recebem um envelope com uma folha (anexo c) onde está desenhado o caminho de Abraão. Cada grupo deve escrever no caminho as dificuldades de Abraão e as suas atitudes para as superar. Na margem está reservado um espaço para que o grupo deixe uma mensagem a Abraão. Após a realização do trabalho é feito o plenário.

Optei pela atividade em grupo, como forma de promover o trabalho em conjunto, e durante a realização do mesmo apoiarei os grupos como forma de verificar como interagem uns com os outros, e se a participação é de todos ou há alunos que por algum motivo não estão a participar. O trabalho em grupo favorece não só as competências relacionais, como o aprender a ouvir o outro, a aceitar opiniões diferentes, a desenvolver o espírito crítico e pode ainda, ser promotor do desempenho escolar:

«Um dos aspetos mais importantes da aprendizagem cooperativa é o de que ajudando a promover o comportamento cooperativo e a desenvolver melhores relações grupais entre os alunos, está simultaneamente a ajudar os alunos na sua aprendizagem académica.»⁹³

Nesta atividade o meu papel será o de dirigir as tarefas dando de forma coerente margem de manobra aos alunos. O facto de fazer a síntese das ideias principais após os alunos apresentarem os trabalhos, serve para que os alunos se centrem no essencial.

Como atividade final, será entregue as palavras Deus e Abraão (anexo d) aos alunos e pedido que as coletem no caderno fazendo um círculo à sua volta. Será como

⁹³ Richard I. Arends, *Aprender a ensinar*, 2008, p.349

um prenúncio dos conteúdos relativos à Aliança de Deus com Abraão que irá ser trabalhado mais à frente.

O trabalho a desenvolver com os alunos relacionado com estes conteúdos que incidem na fé, deverão ter em conta a realidade da turma relativamente à sua prática religiosa, e apresentar-se como uma proposta de abertura a Deus:

«A primeira preocupação de uma educação verdadeira e adequada é a de *educar o coração do homem tal como Deus o criou*, a moral não é senão continuar o gesto com que Deus originalmente criou o homem, perante todas as coisas e na sua relação com elas.»⁹⁴

Assim, o meu grande objetivo é dar a conhecer Abraão e inerentemente um Deus que estabelece relação com os homens, para que os alunos possam abrir-se à mensagem cristã.

Aula nº4

A planificação da aula nº4 foi pensada como momento de reforço dos laços entre os alunos da turma, tendo por base os conteúdos a lecionar (os grupos a que os alunos pertencem). Deste modo optei por utilizar um jogo como estratégia de aula, uma vez que uma atividade de carácter mais lúdica predispõe os alunos para a aprendizagem, como refere Ricardo Vieira:

«Muita coisa pode o jogo ensinar a uma criança: o cálculo, a temática do género, os papéis sociais, a arrumação, a estruturação do espaço e das ideias, a ordem,

⁹⁴ Luigi Giussani, *Educar é um risco*, 2006, p.15

as ordens, o social em miniatura, o desempenho preformante, a convicção, a persistência, etc.»⁹⁵

Deste modo, feita a ligação com a aula anterior, convidarei os alunos a levantarem-se e a colocarem-se à volta da sala em círculo. De seguida faço uma breve apresentação do jogo. Há quatro novelos de lã e cada um representa um grupo ao qual pertencemos. Como os alunos ainda são pequenos e para agilizar os procedimentos defino que, o amarelo é o grupo da família, o azul o grupo da escola, o vermelho o grupo dos amigos e o verde representa os grupos da prática de desporto.

Escolho um aluno a quem entrego o novelo amarelo, este segura o fio e cada colega que pertence ao grupo da família solicita o novelo ao que o possui, até que todos segurem o fio. Este procedimento é feito com os quatro novelos.

Após a conclusão da atividade, com a minha ajuda é feita análise dos resultados. O desfecho do jogo será uma teia de cores que liga todos os alunos da turma. A exceção será o fio verde, pois nem todos pertencem a um grupo da prática de desporto.

Este jogo, além de introduzir a pertença a grupos, ajuda a motivar e envolver os alunos numa atividade conjunta, em que todos precisam uns dos outros e acabam ligados, mesmo revelando diferenças.

Uma atividade dinâmica proporciona aos alunos uma relação de interdependência, que de certa forma é o vislumbre da vida em sociedade.

«Um terceiro e importante objetivo da aprendizagem cooperativa é ensinar aos alunos competências de cooperação e colaboração. Estas competências são essenciais numa sociedade onde grande parte do trabalho adulto é realizado em organizações grandes e

⁹⁵ Ricardo Vieira, *Educação e diversidade cultural, Notas de antropologia da educação, 2010, p.126*

interdependentes, e onde as comunidades estão a tornar-se culturalmente mais diferenciadas e globais nas suas orientações»⁹⁶.

A aprendizagem cooperativa trabalha as competências sociais de uma forma mais incisiva, levando a que a interação dos alunos em contexto de sala de aula seja relevante.

Mantém-se a dinâmica «Faço Parte» e para finalizar a aula os alunos são convidados a trabalharem a pares, sendo a turma dividida em três partes: o grupo da família, o grupo da escola e o grupo dos amigos. Cada um, durante breves minutos, pensa nos objetivos e nas pessoas que compõem o grupo que lhes foi atribuído. De seguida partilha com o parceiro as suas ideias e por fim as conclusões são partilhadas com toda a turma.

Mais uma vez, privilegiei a interação na sala de aula com o objetivo de as conclusões serem elaboradas pela turma no seu conjunto, com a participação de todos e promovendo a partilha de ideias entre pares e o espírito crítico.

Aula nº5

A aula nº5 é o seguimento da anterior, tendo proposto o mesmo objetivo (3. Valorizar a diversidade dos membros de um grupo como um fator de enriquecimento).⁹⁷

A alteração que fiz nesta planificação de aula foi apenas na evocação da aula anterior, em que solicito aos alunos que pensem em quem está presente nos grupos a que pertencem e de que modo são importantes para o grupo. É feita um breve plenário para que possa haver partilha de ideias.

⁹⁶ Richard I. Arends, *Aprender a ensinar*, 2008, p.345

⁹⁷ Programa de Educação Moral e Religiosa Católica, 2014, p.52

Mantive toda a estrutura da restante planificação, já que considerei que as estratégias e os materiais seleccionados anteriormente proporcionavam de forma muito positiva a aprendizagem dos conteúdos propostos.

Aula nº6

A aula nº6 apresenta conteúdos relativos à Aliança de Deus com a humanidade e a forma como este facto se reflete na vida de todos nós.

A alteração da panificação centrou-se na forma de apresentação dos textos bíblicos, que em vez de serem lidos na Bíblia foram apresentados de forma diferente aos alunos para criar uma maior expectativa e assim captar a sua atenção. Deste modo criei o envolvimento de suspense relativamente à caixa de madeira em forma de livro, fazendo toda uma referência ao tempo antigo ao mostrar as leituras em rolos (anexo i) como sendo mensagens muito especiais deixadas por alguém também muito especial.

As leituras são feitas uma de cada vez, por alunos seleccionados pela professora e seguidamente exploradas como já estava referido na planificação anterior. A forma como a apresentação da Aliança de Deus com os homens foi feita durante o estágio é considerada por mim muito pertinente, evidenciando já os elementos por mim desenvolvidos nesta reflexão.

Aula nº7

A aula nº 7 foi considerada por mim um pilar muito importante no que concerne aos conteúdos a lecionar e, por esse motivo foi alterada a planificação na sua totalidade.

Partirei com o desafio lançado no final da aula anterior (que consistia em cada aluno pensar em alguém e assumir o compromisso de fazer algo por essa pessoa), e apresentarei aos alunos uma árvore (feita de um ramo verdadeiro), essa árvore

representa a vida com os outros. Como está despida precisa que nós coloquemos nos ramos as folhas.

Assim, entrego a cada aluno uma folha de árvore (feita em papel), onde cada um escreve o seu compromisso e a forma como se relacionaram com “a” ou “as” pessoas que fizeram parte dele. Os alunos, um de cada vez, são convidados a partilharem a sua experiência e simultaneamente colocarem a folha na árvore.

Após a partilha das experiências pessoais, procuro que cada um perceba o quanto é importante o assumir compromissos para o bem do outro e ao mesmo tempo para o bem comum. A experiência feita pelos alunos ajuda-os a partirem do que conhecem para a construção de um conhecimento mais profundo e dinâmico. Segundo Richard Arends:

«A experiência é responsável por grande parte do que as pessoas aprendem.»⁹⁸

A aula prossegue com a construção da aliança pessoal. Os alunos trabalham em grupo na descoberta dos valores que são facilitadores das relações interpessoais. Para esta descoberta utilizam o Manual do aluno⁹⁹ e a partilha de ideias entre eles.

Cada grupo recebe uma aliança em metal com várias tiras de tecido e nelas escrevem os valores que descobriram. É feita uma partilha à medida que cada grupo coloca a argola no pé da árvore, em que as fitas simbolizam as raízes da mesma.

Para reforçar os conteúdos trabalhados na aula, a professor pede aos alunos que retirem o cartão em forma de rosto que foi entregue na aula nº 2 e que contém o nome de um colega. É-lhes pedido que no mesmo escrevam um compromisso relativamente a

⁹⁸ Richard Arends, *Aprender a ensinar*, 2008, p.347.

⁹⁹ Cf. Manual do aluno, *Conta Comigo*, 5º ano, 2015, p.30 e 31.

esse colega tendo em vista um melhor relacionamento. Este cartão irá fazer parte de outras atividades ao longo do ano letivo.

Tendo em conta que a temática das relações interpessoais é transversal às várias Unidades Letivas a trabalhar no 5º ano de escolaridade¹⁰⁰, considerei importante uma atividade que fosse transversal e desse continuidade à temática do Eu e do Tu, como forma de construção da pessoa, inserida numa determinada cultura e meio social.

«Devemos a Frederick Barth a concepção da identidade como manifestação relacional, já que esta é uma construção que se realiza a partir das relações que opõem um grupo aos outros grupos com os quais está em contacto. Assim, a diferença identitária não seria a consequência directa da diferença cultural (muitas identidades coexistem numa mesma cultura) pois a identidade constrói-se e reconstrói-se por meio das trocas sociais (concepção dinâmica da identidade).»¹⁰¹

As estratégias utilizadas nesta aula pretendem que os alunos consigam vivenciar esta dimensão de aliança de Deus com a humanidade, que após ser trabalhada no contexto dos profetas, é presença ativa nas nossas vidas do dia-a-dia. Por isso, a importância do compromisso de cada um e a descoberta dos valores que são imprescindíveis nas relações entre as pessoas.

Aula nº8

A aula nº 8 mantém praticamente toda a planificação anterior, à exceção da atividade no final da mesma.

¹⁰⁰ Programa de Educação Moral e Religiosa Católica, 2014, p.11.

¹⁰¹ Ricardo Vieira, *Educação e diversidade cultural*, Notas de Antropologia da educação, 2010, p.71.

Como os conteúdos selecionados nesta aula fazem referência às regras e à sua função reguladora na vida em comunidade, e tendo neste momento o manual disponível, foi utilizado para trabalhar com os alunos um texto do manual. Assim, com a leitura do texto «Uma terrível sanção»¹⁰² e com a concretização da atividade proposta no mesmo, é feita a exploração das consequências do desrespeito pelas regras da sociedade.

Com este trabalho faço alusão ao facto de que os mandamentos que nos surgem no Decálogo, são também eles na sua maioria regras que utilizamos na vida em sociedade. Este pequeno apontamento tem como objetivo os alunos ficarem despertos para o facto de o Cristianismo estar muito presente na vida da comunidade, por vezes de formas que nos passam despercebidas.

Aula nº9

A aula nº 9 tem um desenvolvimento inicial que não sofreu alterações, nomeadamente o momento de avaliação de conhecimentos.

Após a realização da ficha de avaliação, é apresentada aos alunos a atividade «A nossa turma». Esta atividade foi pensada com o objetivo de envolver os alunos como comunidade escolar e essencialmente grupo turma, retirando algo de prático da aprendizagem feita ao longo da Unidade Letiva lecionada.

Deste modo, cada aluno pensa em duas regras que considerem importantes para a construção de uma Aliança. Após momentos de reflexão trocam impressões com o colega do lado. Posteriormente apresenta à turma uma tela onde está escrito 5ºB e onde cada aluno vai registar a regra que considera importante para a vida em grupo. Após o registo, cada um assina e a tela é colocada exposta na sala de aula onde ficará até ao final do ano letivo.

¹⁰² Cf. Manual do aluno, *Conta Comigo*, 5º ano, Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, Lisboa, 2015, p.22 e 23.

Como forma de manter presente o compromisso com o outro, é proposto aos alunos um desafio, em que é entregue a cada aluno um crachá e um conjunto de fitinhas. Por cada atitude de ajuda para com um colega de turma é colocada uma fita no crachá, por cada situação de discórdia é retirada uma fita.

Todos os meses numa aula a designar pela professora é feita a avaliação da atividade, dando espaço para a partilha das experiências vividas pelos alunos.

Os alunos normalmente revelam satisfação quando sentem que são reconhecidas as suas atitudes positivas, quando os adultos de certa forma os recompensam pelo que fazem. Assim, o facto de perante o reconhecimento da professora e dos colegas, o aluno poder colocar as fitas, pode incentivar os comportamentos que revelem valores de boa convivência e deste modo melhorar o ambiente turma.

É importante que os alunos sintam que as aprendizagens que fazem, podem estar presentes na sua vida do dia-a-dia, ou seja, que os podem dotar de competências que se revelam importantes nas suas vivências pessoais e coletivas. Neste caso, os conteúdos trabalhados nas aulas, revelam-se ferramentas decisivas na vida dos alunos, quer no contexto escolar, quer no contexto familiar e outros.

CONCLUSÃO

O trabalho desenvolvido permitiu explorar novos caminhos para uma abordagem à temática das relações interpessoais, à luz da fé num Deus que é em si próprio relação e que, ao mesmo tempo é relação com a própria humanidade.

Deus fundou a humanidade numa atitude de amor e de relação que não se esgotam no espaço nem no tempo. Esta relação é verdadeiro caminho de realização plena da própria humanidade, uma vez que Ele se faz presente na sua história, não só como Pai, mas também como o Deus trindade. O Deus cuja essência é a relação, a relação do Pai, do Filho e do Espírito Santo, que sendo as três pessoas da trindade são uma só.

Embora o homem seja criado à imagem e semelhança de Deus, no que concerne à relação a diferença entre eles é que, enquanto o homem tem relação com os outros, na Trindade a relação é a Pessoa. Ou seja «Entre os seres humanos devem existir, primeiro, os sujeitos individuais que, se humanizam e se realizam como pessoas. Em Deus, pelo contrário, o próprio acto de se relacionar constitui, é, as Pessoas»¹⁰³.

Fundamentando esta relação intrínseca entre a humanidade e Deus, não podemos deixar de ter presente esta realidade no contexto das aprendizagens escolares. É necessário que o trabalho realizado na construção da pessoa como um todo, em todas as suas dimensões, espiritual-corporal e social seja realizado tendo em vista a promoção do maior bem para a humanidade.

A Aliança de Deus com os homens é uma mais-valia para as aprendizagens relativas à promoção das relações que são a única forma de cada pessoa existir.

¹⁰³ Enrique Cambón, *A trindade Modelo Social, O que significam as relações trinitárias na vida em sociedade*, 2001, p.51.

Deste modo a minha proposta para a Unidade Letiva 1- «Viver juntos», desenvolve quer através dos conteúdos, quer através das estratégias utilizadas em contexto de sala de aula, uma aprendizagem e ao mesmo tempo uma prática do desenvolvimento da dimensão social.

A abordagem relativa a um Deus que em si mesmo está presente na vida da humanidade foi bem conseguida, quer através da abordagem ao percurso de Abraão, quer no desenvolvimento dos conteúdos relativos à aliança feita por Deus com o Seu povo através de Noé, Abraão e Moisés. Os alunos perceberam o significado de aliança, um compromisso celebrado entre duas partes e do que representou para o desenvolvimento da relação com Deus.

Ao abordar os conteúdos relativos à vivência da fé percebi que alguns dos alunos da turma onde foi feita a minha experiência de prática pedagógica revelaram uma inexistência de vida eclesial. No entanto, a forma como foram trabalhados, em clima de anúncio, de novidade, despertou a curiosidade e a apetência para a apreensão dos conteúdos.

Na planificação contemplei por diversas vezes espaço para que os alunos partissem da sua experiência pessoal para as aprendizagens pretendidas. Penso que neste contexto revelou-se uma forma de partilharem com os colegas as suas vivências pessoais colocando-os em relação dentro do grupo turma, levando-os a reconhecer a diferença e a riqueza que representa nas relações interpessoais. Aprender a ser com o outro.

Fazendo a conjugação entre a reflexão feita relativamente à proposta cristã no que diz respeito às relações pessoais e o trabalho desenvolvido a nível pedagógico, os objetivos inicialmente propostos foram concretizados. A questão referente ao compromisso de vida com Jesus não foi abordada uma vez que não faz parte dos

conteúdos desta unidade letiva. No entanto, a mensagem cristã esteve sempre presente ao falarmos de laços, de valores e acima de tudo de compromisso.

Deus surge como aquele que quer estar em relação connosco, que nos ama incondicionalmente e que se responsabiliza por nós. Esta mensagem é transmitida de forma singela através do conteúdo da aliança que Deus estabelece com a humanidade.

O trabalho desenvolvido com os alunos poderá ser diferenciado tendo em conta as vivências eclesiais dos mesmos, se para uns podemos trabalhar em maior profundidade; para outros, será um trabalho de descoberta de uma visão diferente das suas vivências com os outros.

A visão que nos é dada pelo cristianismo no que concerne à relação com os outros dá sentido à nossa existência e ajuda a crescer pessoalmente. O aprender a ser de que nos fala o relatório «Educação, um tesouro a descobrir»:

«(...) a educação deve contribuir para o desenvolvimento total da pessoa — espírito e corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal, espiritualidade. Todo o ser humano deve ser preparado, especialmente graças à educação que recebe na juventude, para elaborar pensamento autónomos e críticos e para formular os seus próprios juízos de valor, de modo a poder decidir, por si mesmo, como agir nas diferentes circunstâncias da vida»¹⁰⁴.

A disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, através da sua ação na escola, complementa a formação plena dos alunos, lendo a realidade através do olhar cristão, um olhar vivo que valoriza o que cada um é, em si, com os outros e com Deus. E o professor tem por missão potenciar a relação com Deus, um Deus que nos ama de forma livre e desinteressada, que está presente em cada um e em todos ao mesmo tempo.

¹⁰⁴Jacques Delors et al, *Educação, um tesouro a descobrir*, Relatório para a UNESCO da comissão internacional sobre Educação para o séc. XXI, 1996, p.99.

Bibliografia

1- DOCUMENTOS DA IGREJA CATÓLICA

- Concílio Ecuménico Vaticano II, Documentos Conciliares e Pontifícios, Editorial A. O – Braga, 1987.
- Bento XVI, *Caritas in Veritate*, 29 de junho de 2009. (www.vatican.va) consultado a 12/07/2015.
- João Paulo II, Encíclica *Evangelium Vitae*, 25 de março de 1995. (www.vatican.va) consultado a 04/07/2015.
- Papa Francisco, *Louvado sejas, Carta Encíclica Laudato si'*, sobre o cuidado da casa comum, Paulinas editora, Águeda, 2015.

2- ESTUDOS E MONOGRFIAS

- Aguilar, Miguel Oar, *A descoberta da fé*, Editora Vozes, Petrópolis, 1982.
- Arends, Richard I., *Aprender a ensinar*, Editora McGraw-Hill Interamericana de Espanã, S.A.U, Madrid,2008.
- Buber, Martin, *Eu & Tu*, Edições Paulinas, Prior Velho, 2014.
- Cambón, Enrique, *A trindade Modelo Social, O que significam as relações trinitária na vida em sociedade*, Editora Cidade Nova, Abrigada, 2001.
- Delors, Jacques et all, *Educação, um tesouro a descobrir, Relatório para a UNESCO da comissão internacional sobre Educação para o séc. XXI*, Cortez Editora, S. Paulo, 1996.
- Fichella, Rino, *A fé como resposta de sentido, Abandonar-se ao mistério da fé*, Edições Paulinas, 2006.

- Flick, Maurizio & Zoltan, Alszeghy, *Antropologia Teológica*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 1971.
- Fromm, Erich, *A arte de amar*, Editora Itatiaia Limitada, Belo Horizonte, 1991.
- Gevert, Joseph, *El problema del Hombre, Introducción a la antropología filosófica*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 1981.
- Giussani, Luigi, *Educar é um Risco*, Diel, Lisboa, 2006.
- Giussani, Luigi, *O Sentido de Deus e o Homem Moderno, "A Questão Humana" e a Novidade do Cristianismo*, Diel, Lisboa, 1998.
- Giussani, Luigi, *Realidade e Juventude, O Desafio*, Diel, Lisboa, 2003.
- Ladaria, Luis Fernando, *Introducción a la Antropologia Teológica*, Editorial Verbo Divino, Estella, 1998.
- Lucas, Juan Shagun, *Las dimensiones del hombre, Antropologia Filosofica*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 1996.
- Manual do aluno 5º ano, *Conta Comigo*, Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, Torres Novas, 2015.
- Neves, Joaquim Carreira, *Escritos de S. João*, Universidade Católica Editora, Lisboa 2004.
- Palma, Alexandre, *A Trindade é um mistério, Mas podemos falar disso*, Edições Paulinas, Prior Velho, 2014.
- Pastoral Catequética, *Educação Moral e Religiosa Católica: um valioso contributo para a formação da personalidade*, agosto 2006, Conferência Episcopal Portuguesa, Lisboa, Ed. Secretariado Geral da CEP.
- Pastoral Catequética, *Fórum Pensar a Escola, Preparar o Futuro*, nº23, Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2012, Elisa Urbano, A identidade do

docente de Educação Moral Religiosa Católica, Redescobrir o sentido da obediência.

- Peña, Juan Luís Ruíz, *Imagen de Dios, Antropología teológica fundamental*, Editorial SAL TERRAE, Maliaño, 1996.
- Plus, Rui, *Deus em nós*, Livraria Apostulado da Imprensa, Porto, 1962.
- Programa de Educação Moral e Religiosa Católica, Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2014.
- Ribeiro, António, *O corpo que somos, Aparência, sensualidade, comunicação*, Lisboa, 2003.
- Roccheta, Carlo, *hacia una teología de la corporeidad*, Ediciones Paulinas, Madrid, 1993.
- Rubio, Alfonso Garcia, *Elementos de Antropologia Teológica: Salvação cristã de Quê e para Quê*, Editora Vozes, Lisboa, 2014.
- Santos, M. M. da costa, *O conceito cristão de pessoa, Communio*, Revista Internacional Católica, Ano II 1-6, Lisboa, 1985.
- Sierra, Alejandro Martínez, *Antropología teológica fundamental*, Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid, 2002.
- Torres, José, *O caminho da vida humana*, Editorial Hospitalidade, Lisboa, 2011.
- Vieira, Ricardo, *Educação e diversidade cultural, Notas de antropologia da educação*, Edições Apontamento, Porto, 2010.
- Documentos da Escola Integrada da Azambuja:
 - Carta Educativa da Azambuja
 - Plano Anual Atividades
 - Projeto Curricular Escola

Anexos


Nova Proposta de Planificação

Unidade Letiva 1 «Viver juntos»

Planificações e Materiais

Sumário: Apresentação.


Introdução à Unidade Letiva: Viver Juntos.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Materiais		Avaliação formativa
B. Construir uma chave de letra religiosa da pessoa, da vida e da história.	1. Valorizar a mudança como condição do crescimento humano.	. A mudança, uma constante na vida.	<p>Acolhimento e sumário</p> <p>Apresentação Apresentação da professora aos alunos: nome, de onde somos, profissão e porque estamos com eles.</p> <p>Dinâmica de apresentação: “Quem sou” A professora distribui um cartão com a forma de rosto em que está escrito o nome de um aluno da turma. Pela ordem indicada cada aluno diz o nome do colega que está no cartão e o mesmo apresenta-se. Cada aluno guarda o cartão com o nome que tirou .</p> <p>A professora introduz o termo mudança com a sua experiência pessoal: mudança de escola, de alunos, de cidade.</p>	<p>Caderno diário</p> <p>Cartões com o nome dos colegas (anexo a)</p>	<p>5’</p> <p>3’</p> <p>15’</p> <p>3’</p>	<p>O professor observa nos alunos a atenção e participação dos alunos nas atividades.</p>

		. Mudança de ano, de ciclo de ensino, de escola, de um professor para muitos professores.	<p>Chuva de Ideias “Mudanças”: pede-se aos alunos que registem no caderno diário 2 mudanças que ocorreram do ano passado para este ano. Após esta tarefa, a professora solicita aos alunos um a um, que digam a sua resposta, registrando-a no quadro.</p> <p>Síntese A professora faz a síntese em conjunto com os alunos.</p>	Caderno diário	5’	
				Quadro	10’	
				Caderno diário	4’	
Síntese da aula: Todos crescemos com situações de mudança na nossa vida.						


Sumário: Síntese da aula anterior.

Abraão e as suas mudanças.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Materiais		Avaliação formativa
B. Construir uma chave de letra religiosa da pessoa, da vida e da história.	1. Valorizar a mudança como condição do crescimento humano. 2. Identificar na figura bíblica de Abraão o modelo de uma pessoa em caminho.	<ul style="list-style-type: none"> Mudança de ano, de ciclo de ensino, de escola, de um professor para muitos professores. Abraão, modelo de pessoa em caminho (mudança, crescimento) - Gn12, 1-8. 	<p>Acolhimento e sumário</p> <p>Evocação da aula anterior A professora começa por relembrar com os alunos os conteúdos abordados com a leitura do texto do manual "Aprender a estudar", fazendo um breve comentário.</p> <p>Apresentação de PowerPoint A professora faz uma pequena introdução sobre a pessoa de Abraão, e apresenta um PowerPoint sobre a passagem bíblica Gn12,1-8. Com o apoio deste material, é feita referência às mudanças vividas por Abraão, à sua experiência e atitude perante este novo desafio.</p> <p>Trabalho de grupo: Os alunos são divididos em grupos de quatro. De seguida é entregue a cada grupo um envelope onde está uma</p>	<p>Caderno diário</p> <p>Manual, p.12</p> <p>PowerPoint (anexo b)</p> <p>Envelope e</p>	<p>5'</p> <p>8'</p> <p>8'</p>	<p>O professor observa nos alunos:</p> <p>- participação;</p> <p>- interesse;</p> <p>- atenção;</p> <p>Envolvimento dos alunos no</p>

			<p>folha com um caminho desenhado. Cada grupo deve escrever no caminho as atitudes que Abraão teve perante o pedido de Deus. Ao lado, num espaço reservado devem escrever uma mensagem que gostariam de deixar a Abraão. Após a realização do trabalho cada grupo partilha com os colegas o que fez. A professora faz a síntese das ideias.</p> <p>Atividade Cada aluno recebe as Palavras Deus e Abraão que cola no caderno diário desenhando um círculo à sua volta.</p> <p>Síntese A professora faz a síntese da aula que é registada pelos alunos no caderno diário.</p>	<p>folha A4 com o caminho de Abraão (anexo c)</p> <p>Palavras Deus e Abraão (anexo d)</p> <p>Caderno diário</p>	<p>16'</p> <p>5'</p> <p>3'</p>	<p>trabalho realizado pelos grupos e individualmente</p>
<p>Síntese da aula: Abraão também viveu situações de mudança, mostrando coragem e confiança.</p>						

Sumário: Os grupos a que pertencemos e suas características.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Materiais		Avaliação formativa
B. Construir uma chave de letra religiosa da pessoa, da vida e da história.	3. Valorizar a diversidade dos membros de um grupo como um fator de enriquecimento.	<ul style="list-style-type: none"> Os grupos onde me insiro: a família, a escola, a turma, os amigos, a paróquia, a catequese, os escuteiros. 	<p>Acolhimento e sumário</p> <p>Contextualização A professora faz a ponte com a aula anterior reforçando que os alunos estão numa nova turma.</p> <p>Jogo: A teia Os alunos colocam-se em círculo e a professora explica o jogo. Há novelos de lã de várias cores: o amarelo é o grupo da família, o azul do grupo da escola, o vermelho do grupo dos amigos e o verde do grupo desportivo. Cada aluno tem de solicitar ao colega que tem o novelo que lho passe de modo a que todos os que pertencem aquele grupo peguem no fio. Após a utilização dos quatro novelos é feita a exploração dos resultados. Dinâmica “ Eu faço parte!”. A Professora explica aos alunos que lhes vai ser distribuído um pequeno</p>	<p>Caderno diário</p> <p>Novelos de lã</p>	<p>5´</p> <p>4´</p> <p>13´</p>	<p>A professora observa a atenção, participação e interesse dos alunos.</p>

		<ul style="list-style-type: none"> • Característica dos grupos: conjunto de pessoas com objetivos comuns, que se juntam para, mais facilmente, atingirem esses objetivos, através de estratégias de atuação comuns, estabelecendo entre si relações. 	<p>cartão a cada um, onde escrevem o seu nome e a que grupos pertence, mesmo os que não surgiram no jogo. Os alunos realizam a tarefa. Breve plenário.</p> <p>Os alunos são colocados a pares e a turma é dividida em três grupos: Família, Escola e Amigos. Cada aluno pensa nos objetivos e nas pessoas que compõem o grupo que lhe foi indicado durante alguns minutos, de seguida partilham com o colega do lado as suas conclusões, e por fim é transmitido à turma o resultado em plenário.</p> <p>Síntese Os alunos elaboram e registam a síntese</p>	<p>Cartões (anexo e)</p> <p>Caderno diário</p>	<p>8´</p> <p>12´</p> <p>3´</p>	<p>Participação e trabalho realizado pelos alunos.</p>
<p>Síntese da aula: Todos pertencemos a vários grupos, o que nos faz crescer.</p>						


Aula nº 4 (Anexo e)
Cartões: Os Meus grupos

<i>Os meus grupos:</i>	<i>Os meus grupos:</i>
<i>Os meus grupos:</i>	<i>Os meus grupos:</i>

Anexo 3.1

Sumário: A relação dos membros do grupo.

A escolha do grupo.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Materiais		Avaliação formativa
B. Construir uma chave de letra religiosa da pessoa, da vida e da história.	3. Valorizar a diversidade dos membros de um grupo como um fator de enriquecimento.	<ul style="list-style-type: none"> • Característica dos grupos: conjunto de pessoas com objetivos comuns, que se juntam para, mais facilmente, atingirem esses objetivos, através de estratégias de atuação comuns, estabelecendo entre si relações. • Integração nos grupos: colaboração com os outros, aceitação dos outros e das suas características pessoais, disponibilidade para ouvir, participação nas atividades do grupo. 	<p>Acolhimento e sumário</p> <p>Evocação da aula anterior A professora após uma breve referência ao que foi lecionado na aula anterior. Pede aos alunos que pensem em quem está presente nos grupos a que pertencem e de que modo é que essas pessoas foram importantes. Breve plenário em turma.</p>	Caderno diário	5´	A professora observa a atenção, participação e interesse dos alunos.
			<p>Motivação: "O sapo e o estranho" A professora apresenta aos alunos a história " O sapo e o estranho" de Max Velthuijs. A história é apresentada em formato digital para que os alunos possam acompanhar melhor a sua leitura, que é feita pela professora. Após a leitura, é feita a exploração da mesma com os alunos, incidindo sobre</p>	Filme (anexo f)	9´	
					12´	

		<ul style="list-style-type: none"> • Critérios éticos de seleção dos grupos: objetivos a atingir, meios usados, formas de organização do grupo, atitudes e comportamentos. 	<p>os aspetos da vivência em grupo tendo em conta os conteúdos a trabalhar. As ideias serão registadas no quadro pela professora e só no fim é distribuída uma folha com uma tabela para os alunos registarem o que foi sendo escrito no quadro.</p> <p>Síntese Os alunos formulam a síntese com a ajuda do professor e registam-na no caderno diário.</p>	<p>Folha com a tabela (anexo g)</p> <p>Caderno diário</p>	<p>7'</p> <p>3'</p>	<p>Participação dos alunos</p> <p>Registo dos alunos</p>
<p>Síntese da aula: Todos são importantes no grupo. A riqueza está na diferença.</p>						

Aula nº 5 (Anexo f)

«O Sapo e o estranho» de Max Velthuijs

A história «O Sapo e o estranho» é apresentada aos alunos em Moviemaker realizado por mim. Esta história fala da chegada de um estranho (o Rato) a um bosque onde alguns habitantes começam logo a evidenciar preconceitos sobre o mesmo. O Sapo é o único que se aproxima dele para o conhecer melhor e torna-se amigo dele. Depois de o conhecerem melhor descobrem que afinal o Rato é um bom amigo.



Com a apresentação deste livro pretendi trabalhar a integração nos grupos e o que esta exige: aceitação dos outros, colaboração, disponibilidade para ouvir, etc.

A escolha de uma história como estratégia de aula teve dois objetivos: a exploração dos conteúdos e uma forma de incentivar os alunos à leitura.

Anexo 4.1

Aula nº 5 (Anexo g)
Tabela de Registo

Nome: _____ Nº ____ Turma _____

Quadro de registo
A vida em grupo


Atitudes positivas dos elementos do grupo	O que nos dá o grupo	O que ter em conta na escolha de um grupo

Boa vida em grupo

Anexo 4.2

Sumário: A aliança de Deus com a humanidade.

O nosso compromisso de aliança com os outros.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Materiais		Avaliação formativa
F. Conhecer a mensagem e a cultura bíblicas.	4. Interpretar textos bíblicos sobre a Aliança.	<ul style="list-style-type: none"> Deus tem a iniciativa de estabelecer uma Aliança com a humanidade. Gen9, 8-13; Gen15, 18; Dt5, 1-33. 	<p>Acolhimento e sumário</p> <p>Motivação A professora começa por mostrar aos alunos uma aliança de matrimónio e explora com os mesmos o seu significado.</p> <p>Leituras De seguida lança um desafio aos alunos: vão imaginar que vivem à muitos séculos atrás. É apresentada aos alunos uma caixa em forma de livro de onde são retirados os rolos com os textos bíblicos. São escolhidos alguns alunos que irão ler as passagens da Bíblia. A professora começa pela leitura referente a Abraão, pois já o conhecem como a pessoa que caminha. No final de cada leitura, a professora e os alunos fazem uma análise sobre a passagem, dando relevo ao aspeto que é</p>	<p>Caderno diário</p> <p>aliança</p> <p>Caixa Textos (anexo h)</p>	<p>5'</p> <p>4'</p> <p>20'</p>	<p>Grelha de observação de</p> <ul style="list-style-type: none"> - participação; - interesse; - atenção;

		<ul style="list-style-type: none"> • Os cristãos aprendem com Deus a comprometer-se numa vida com os outros, estabelecendo alianças de uma forma generosa e desinteressada. 	<p>indicador da aliança de Deus com o seu povo, o que é registado no quadro e no caderno do aluno. É ainda apresentado um símbolo relativo à Aliança de Deus com cada uma das pessoas (PowerPoint)</p> <p>A professora faz uma breve ligação entre a descoberta anterior e com o que todos podemos fazer quando assumimos compromissos com os outros.</p> <p>Desafio Desafio: Os alunos pensam em alguém e comprometem-se a fazer algo por essa pessoa ao longo da semana, o que partilharão com a turma na próxima aula.</p> <p>Síntese Os alunos formulam a síntese e registam-na no caderno diário.</p>	<p>Quadro</p> <p>Caderno diário</p> <p>PowerPoint com imagens (anexo i)</p> <p>Caderno diário</p> <p>Caderno diário</p>	<p>8'</p> <p>5'</p> <p>3'</p>	
Síntese da aula: Deus ama-nos e por isso fez a Aliança com o seu povo.						

Anexo 5

Aula nº 6 (Anexo i)

PowerPoint: A Aliança de Deus com o Povo



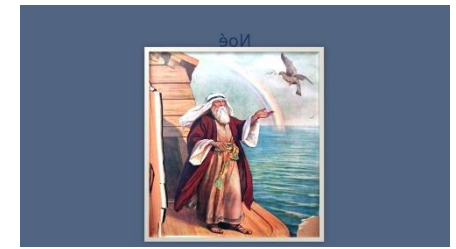
Diapositivo 1



Diapositivo 2



Diapositivo 3



Diapositivo 4



Diapositivo 5



Diapositivo 6



Diapositivo 7




Diapositivo 8

Anexo 5.1

Sumário: A Aliança na relação com os outros.


Os valores para a vida em grupo.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Materiais	 5'	Avaliação formativa
P. Identificar o fundamento religioso da moral cristã. G. Identificar os valores evangélicos.	5. Reconhecer as implicações da Aliança, na vida quotidiana.	<ul style="list-style-type: none"> • A aliança é condição facilitadora das partes. • Os valores essenciais para a convivência: <ul style="list-style-type: none"> - a colaboração, - a aceitação dos outros e das suas características pessoais, - disponibilidade para ouvir, 	<p>Acolhimento e sumário</p> <p>Partilha do compromisso A professora apresenta aos alunos uma árvore que representa a vida com os outros e onde é necessário que sejam colocadas as folhas. Assim distribui uma folha por cada aluno onde eles registam o seu compromisso e a forma como se relacionaram com as pessoas que fizeram parte dele. Os alunos partilham a sua experiência e colocam a folha na árvore.</p> <p>A aliança pessoal Os alunos são colocados em grupo e com a ajuda do manual e da partilha pessoal procuram encontrar os valores que facilitam as relações interpessoais. Cada grupo recebe uma aliança com</p>	<p>Caderno diário</p> <p>Árvore e folhas (anexo j)</p> <p>Caderno diário Manual do aluno p.30 e 31</p> <p>Aliança, tiras</p>	<p>5'</p> <p>12'</p> <p>20'</p>	<p>Observação da participação e empenho dos alunos nas tarefas</p> <p>Trabalho realizado pelos alunos</p>

		<ul style="list-style-type: none"> - o respeito, - a paz, - a verdade, - a justiça, - a bondade. 	<p>várias tiras de tecido onde irão escrever os valores que encontraram. Após o trabalho realizado, o grupo diz à turma quais as conclusões a que chegaram e prendem a aliança no pé da árvore, com as fitas que simbolizam as raízes.</p> <p>Atividade “Código EU e Tu” Os alunos colocam no cartão que tem o nome do colega o seu compromisso para melhor se relacionarem com ele ao longo do ano letivo.</p> <p>Síntese A professora em conjunto com os alunos faz a síntese que é registada no caderno diário.</p>	<p>de tecido e marcadores</p> <p>Cartão da aula n°1</p> <p>Caderno diário</p>	<p>5´</p> <p>3´</p>	
<p>Síntese da aula: Os valores são importantes na vida em grupo.</p>						

Sumário: As regras na vida em grupo.

As consequências do desrespeito das regras.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Materiais		Avaliação formativa
<p>P. Identificar o fundamento religioso da moral cristã.</p> <p>G. Identificar os valores evangélicos.</p>	5. Reconhecer as implicações da Aliança na vida quotidiana	<ul style="list-style-type: none"> A necessidade de se estabelecerem regras de convivência e as consequências da sua não aplicação. 	<p>Acolhimento e sumário</p> <p>Evocação da aula anterior A professora começa por evocar os conhecimentos adquiridos na aula anterior para lembrar os conteúdos trabalhados na aula anterior.</p> <p>Apresentação de PowerPoint De seguida é feita pela professora uma apresentação em PowerPoint onde surge a importância da convivência, e são apresentados 3 dos grupos aos quais todos os alunos pertencem bem como uma introdução às regras. Após a apresentação é pedido aos alunos que escolham um dos grupos apresentados no PowerPoint e no caderno diário registem duas regras que têm de cumprir nesse grupo e as consequências do não cumprimento das mesmas. Os alunos partilham com os colegas o que escreveram.</p>	<p>Caderno diário</p> <p>PowerPoint (anexo k)</p> <p>Caderno diário</p>	<p>5'</p> <p>4'</p> <p>7'</p>	<p>O professor observa nos alunos:</p> <p>- participação;</p> <p>- interesse;</p> <p>- atenção;</p> <p>Atividade desenvolvida pelos alunos</p>

			<p>Texto A professora pede aos alunos que abram o manual e convida os alunos à leitura do texto “Uma terrível sanção” Inicialmente a leitura é feita individualmente e de seguida é feita em voz alta pelos alunos selecionados pela professora de forma aleatória. A pares os alunos realizam as questões que surgem no manual. É feita a correção oralmente e os alunos corrigem no caderno diário. Referência ao Decálogo.</p> <p>Síntese Os alunos com a colaboração da professora fazem a síntese que registam no caderno diário.</p>	<p>Manual do aluno p.22/23</p> <p>Caderno diário Quadro e caneta</p> <p>Caderno diário</p>	<p>4’</p> <p>20’</p> <p>3’</p>	<p>Trabalho desenvolvido pelos alunos e participação.</p>
<p>Síntese da aula: As regras são importantes na vida em grupo.</p>						

Aula nº 8 (Anexo K)

PowerPoint: Convivência



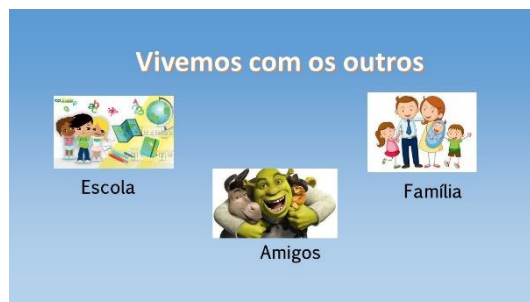
Diapositivo 1



Diapositivo 2



Diapositivo 3



Diapositivo 4



Diapositivo 5



Diapositivo 6



Diapositivo 7

E se não cumprir as regras?

Não cumprimento de regras	Consequências
<ul style="list-style-type: none">• Ter um mau comportamento.• Não fazer os trabalhos de casa.• Chegar atrasado à sala de aula	<ul style="list-style-type: none">• Sair da sala de aula.• Ter falta de TPC.• Ter falta de presença.

Diapositivo 8




Diapositivo 9

Nota: O diapositivo 3 corresponde a um pequeno vídeo do Youtube <https://www.youtube.com/watch?v=r9nN60aH9TU>

Breve descrição: Através de uma história em que os protagonistas são ouriços é valorizada a importância da vida em grupo e da necessidade de se aceitar que todos têm qualidades e defeitos. O estar juntos é o mais importante pois ninguém é perfeito e todos precisamos uns dos outros.

Sumário: Ficha de avaliação.

Construção de uma aliança na turma.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Materiais		Avaliação formativa
P. Identificar o fundamento religioso da moral cristã.	6. Valorizar a Aliança como condição facilitadora da relação entre as partes.	• Querer viver de forma pacífica com os outros: construir uma Aliança de convivência para a turma e a escola.	Acolhimento e sumário	Caderno diário	5'	
G. Identificar os valores evangélicos.			<p>Introdução à aula A professora faz alusão à importância das regras trabalhadas na aula anterior e posteriormente explica aos alunos que irão realizar uma ficha de avaliação sobre as aprendizagens realizadas ao longo das aulas.</p> <p>Ficha de avaliação A professora distribui as fichas de avaliação pelos alunos referindo que se tiverem dúvidas colocam o dedo no ar e a professora irá junto deles explicar.</p> <p>Atividade: A nossa turma A professora pede aos alunos que pensem em duas regras que achem importantes para melhorarem a relação da turma. Após o momento de reflexão trocam impressões com o colega do lado. Entretanto a professora apresenta</p>		Ficha de avaliação (anexo 1)	
					12'	O professor observa nos alunos:

		<p>uma tela onde está escrito Turma do 5° B onde ficarão registadas as 12 normas da turma e as assinaturas dos vários alunos. Após a seleção das normas em grupo turma, cada aluno escreve uma na tela.</p> <p>Projeto: Estamos juntos A professora propõe aos alunos a sua participação num projeto até ao final do ano letivo.</p> <p>Entrega a cada aluno um envelope com um crachá com o seu nome e um conjunto de fitinhas em que quando ajudam um colega colocam uma tirinha no crachá, mas quando têm problemas com alguém da turma tiram uma delas.</p> <p>Todos os meses, na última aula do mês é feita a avaliação da atividade pelos alunos com a orientação da professora.</p>	<p>Tela e marcadores</p> <p>Envelopes e crachás</p>	<p>10´</p>	<p>- participação;</p> <p>- interesse;</p> <p>- atenção;</p>
Síntese da aula: A atividade lançada à turma					

Agrupamento de Escolas da Azambuja
Educação Moral e Religiosa Católica
Ano letivo 2014/2015
Ficha de avaliação

Nome: _____ Nº _____ Turma _____
Avaliação: _____ Professor _____ Enc.Educação: _____

1- Este ano mudaste de escola. Diz mais duas mudanças que te aconteceram.

2- Na aula falamos de Abraão. Qual foi a mudança que aconteceu na sua vida?
Sublinha a resposta correta.

- a) Mudou de emprego
- b) Mudou de terra
- c) Mudou de roupa

3- Todos nós pertencemos a vários grupos. Completa o quadro que se segue
dizendo o que fazes nos grupos indicados, tendo em conta o exemplo dado.

Grupos	O que fazemos
Família	Vivemos em conjunto
Escola	
Amigos	

4- Aprendemos que no Antigo Testamento Deus fez Aliança com três pessoas. Faz
corresponder a cada uma delas a promessa que Deus lhe fez.

• Noé
• Abraão
• Moisés

• A promessa de uma terra para si e para o Seu povo e uma descendência numerosa.
• Uma terra para o povo e os Dez Mandamentos.
• A proteção a todos os seres vivos.

Agrupamento de Escolas da Azambuja
Educação Moral e Religiosa Católica
Ano letivo 2014/2015
Ficha de avaliação

5- Sublinha as frases que são atitudes corretas a ter com os outros.

- a) O João nunca coloca o dedo no ar antes de falar.
- b) A mãe do Pedro ajudou-o nos trabalhos de casa.
- c) A Ana e a Júlia ouviram a Rita a contar o que fez no Domingo.
- d) Os amigos do Rodrigo mentiram-lhe e ele ficou triste.
- e) Na turma do 5ºB, todos ajudaram a professora a recolher imagens para um trabalho.

6- As regras são importantes para a vida em grupo.

Escreve duas regras que tenhas de cumprir na escola e duas consequências caso não as cumpras.

Regras	Consequências